

# ESBOÇO INICIAL

Pai Michael Aun Weor

Esboço Iniciático

Copyright 2003 © Nielsen Domingos Quintino  
Esboço Iniciático

É permitida a reprodução parcial ou completo deste livro por  
qualquer meio, desde que não seja adulterado.

## ESBOÇO INICIÁTICO

*Revizado por Jolanta Maria Monika Borowich Melara*

## ÍNDICE

	<b>PREFÁCIO DO AUTOR.....</b>	<b>04</b>
<b>CAP 1</b>	<b>TRABALHO ESOTÉRICO.....</b>	<b>07</b>
<b>CAP 2</b>	<b>INFÂNCIA.....</b>	<b>12</b>
<b>CAP 3</b>	<b>ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>15</b>
<b>CAP 4</b>	<b>O QUARTEL.....</b>	<b>21</b>
<b>CAP 5</b>	<b>O AMOR.....</b>	<b>30</b>
<b>CAP 6</b>	<b>O FALSO AMIGO.....</b>	<b>37</b>
<b>CAP 7</b>	<b>A CAMINHO.....</b>	<b>42</b>
<b>CAP 8</b>	<b>OS SONHOS.....</b>	<b>46</b>
<b>CAP 9</b>	<b>O DESENVOLVIMENTO INTERNO.....</b>	<b>50</b>
<b>CAP 10</b>	<b>O REINADO.....</b>	<b>57</b>
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>60</b>
	<b>PERIGOSOS SINTOMAS.....</b>	<b>61</b>
	<b>CARTA AO FÓRUM GNOSISONLINE.....</b>	<b>63</b>

## PREFÁCIO DO AUTOR

Escrevi este livro com o intuito de dar testemunho do caminho iniciático. Quem colocar em prática esse conhecimento esotérico, poderá ver por si mesmo, a autenticidade do conhecimento crístico ou esoterismo cristão.

Gnose é uma palavra que vem do grego “gnosis” e que significa conhecimento. Pode-se correr de um lado para outro. Podem esquentar línguas, gargantas, com impropérios, insultos... mas jamais poderão tirar a gnose de dentro da humanidade, pois é a síntese do conhecimento universal que corre pelas veias de todas as religiões do mundo. Seja na religião budista, cristã, maometana... todas são ramos de uma só religião, que é a vontade do Pai.

Existem níveis de uma pessoa para outra, existem níveis na atividade mental, no sentimento e na ação. Assim necessitamos das diversas religiões, para saciar todos os tipos de inquietudes. Quando cansamos, quando não conseguimos mais acalmar os anseios da alma, quando não nos deixamos levar por quaisquer crenças, quando tudo cessa interiormente, começamos então uma busca interna verdadeira, para poder preencher as lacunas, que anteriormente nos satisfaziam. E o caminho se fecha, e a busca se torna mais para dentro, cada vez mais interiorizada, até que encontramos, nós, dentro de nós mesmos, em essência e divindade.

Nessa atitude que une o sentimento, o pensamento e a ação, harmoniosamente na mesma direção, numa homogeneidade pessoal, podemos lutar verdadeiramente para seguir a senda do Senhor.

Nosso Pai celestial espera o avanço de sua alma, seu amadurecimento através dos milênios. Até que por início do fim, o um, o dois e o três façam parte de um só nome, de um só ser.

Nós somos mais ou menos órfãos enquanto não nos fundimos com o nosso Real Ser ou Íntimo. Ele é o filho, Ele é o que verdadeiramente possui uma mãe, porque ele É. Nós como almas, somos seus derivados e temos que fazer a vontade Dele, para podermos fazer parte dessa grande consciência que se chama Mônada.

Muito se especula sobre a iniciação, sobre o caminho iniciático. E aqui temos uma história verdadeira. Que nosso personagem vive, com todos os pontos e vírgulas. Cabe a nós buscar a nossa linha e fazer a vontade do Pai.

Esse conhecimento é o mesmo ensinado pelos grandes mestres, seja nos pátios empedrados de Jerusalém, Roma, Caldéia, Egito, Pérsia... nos grandes centros, nas pequenas cidades, nas vilas mais afastadas dos tempos de hoje e de todos os tempos. Vemos o verbo de ouro, cristalizar sua força nas laringes criadoras dos grandes mestres que já estiveram entre nós. Jesus, Buda, Maomé, Samael, Rabolú e todos os outros mestres... O verbo de ouro vibra ainda a linguagem dos imortais e os ouvidos afinados para o saber escutam o tom dessa sabedoria.

Destaco o livro “O vôo da serpente emplumada” de Armando Cosani e as obras dos mestres Samael e Rabolú. Por saberem traduzir em letras, verdades do infinito.

O trabalho esotérico autêntico para entrarmos na iniciação, é individual e de cada um. Ninguém entra na iniciação por curso de correspondência, nem porque é filho do presidente ou do padreiro, nem porque sua mãe vai todos os domingos na Igreja. A iniciação quem as recebe é o nosso Íntimo, nosso Real Ser, ou seja, nós mesmos, dentro de nós mesmos. A humana personalidade, se não tem consciência nesse período, fica sem saber da Iniciação. Passa pelos processos de prova, de ascensão do kundalini, mesmo sem entender o porque das coisas.

Espero que ao lerem Esboço Iniciático, reflitam nesse conhecimento e busquem por si mesmos o conhecimento direto; que sigam a voz silenciosa, que é a voz do Íntimo, para estarem sempre

voltados ao interior e assim evitar muitos enganos nos quais os estudantes de esoterismo, volta e meia caem.

Que esse livro desperte em vocês, essa vontade superior de união com o Pai que está dentro de nós em substância e possamos assim, sermos verdadeiros templos humanos, limpos e preparados para recebermos o Grande Senhor.

O resultado final de todas as nossas experiências físicas, psicológicas, de tudo que aprendemos aqui na terra é a união com as nossas partes superiores. Há que existir maturidade, não nego. Mas chamo aqueles que se sintam capazes de dar esses passos maravilhosos, que dêem... que não percam tempo. Com trabalho provamos essa maturidade e não com palavras.

José é um nome fictício, a vida de José é autêntica. Troquei o nome porque não nos interessa o endeusamento do personagem, mas sim os fatos, o trabalho realizado e o que isso pode contribuir para aqueles que queiram entrar no caminho iniciático. José não é melhor nem pior do que ninguém. O diferencial foi a continuação de seus propósitos, persistiu e com força provou que estava maduro para esse conhecimento. Todo o relato a respeito do quartel e alguns assuntos que não estão diretamente voltados à iniciação, são para mostrar que o sofrimento molda a pessoa, prepara, amadurece e também desperta a consciência, quando está aliada com o trabalho interno. “Feliz do homem a quem Deus castiga”.

Lembro que esse caminho iniciático é um caminho doloroso e todos os triunfos levamos para a eternidade. Esse é um trabalho que vale a pena, pois o tempo jamais fará dano. Assim se constrói o Reino Interior, que não pertence ao tempo, nem as condições climáticas. Nada pode arruinar o que for feito para o desenvolvimento interno. Sofre-se porque lutamos contra forças que querem ficar petrificadas no passado, em nossos antigos erros. A voz dos séculos, grita dentro de nós e reclama o abandono dos antigos erros. O objetivo dessa dolorosa via crucis é fazer luz, que é o mesmo que despertar a consciência.

## Esboço Inicial

Tu és vida;  
Tu és morte;  
Tu és sono que adormece a alma;  
Luz que enobrece o espírito.

Tua coroa é glória para os Justos...  
Luz e dor para os Mártires.  
É o sol que dá vida á vida...  
e morte à morte.

Oh ser sem face!  
Tu és Sol Incomensurável;  
e vela para o infinito.  
Estas ao lado do eternamente grande;  
e comungas com o infinitamente pequeno,  
em um eterno agora.  
Tu Foste, És e Serás...  
do Alfa ao Omega...  
o Tudo...  
e o nada...

Michael Aun Weor

## O TRABALHO ESOTÉRICO

### Capítulo 1

Antes de começar o relato que seguirá no capítulo em diante, vejo como importante dar aos leitores uma direção do trabalho referido no “Esboço Iniciático”.

O trabalho esotérico, ou caminho iniciático, ou ainda qualquer nome que queiram dar, é um processo que não pode escapar a ninguém. Seja a religião cristã, budista... Não importa a crença, todos temos a mesma origem e os mesmos princípios espirituais. Dentro de nós temos todas as dimensões e características espirituais. Temos uma verdadeira legião de deuses e demônios atômicos dentro de nós mesmos. Os mesmos conflitos que vemos na sociedade e nos contos religiosos, também temos em nosso interior. É um verdadeiro universo dentro do homem. A mesma revolução que deve ser feita no cosmos, temos que fazer dentro de nós mesmos. Vejam que diferencio a revolução da evolução. A Evolução é um complemento da Involução, isso é uma lei que rege o universo. Quando cito a revolução, estou me referindo a liberação do Ser, da qual fazemos parte, de todas essas emaranhadas leis que nos mantêm como lenhas soltas, pois ficamos a mercê do embravecido oceano da vida.

Existe maturidade ou imaturidade nas pessoas. As pessoas imaturas trabalham para o tempo, já as maduras buscam o que não é do tempo, o que é da alma, do ser. Ambas carregam impurezas dentro de si e isso contribui para a degeneração de toda a sociedade. Estamos passando por um processo perigoso. A ciência progride e com um aperto de um botão, pode-se matar milhões de pessoas. Quanto mais poder tem um homem inconsciente, mais perigoso ele é para o mundo.

O Trabalho Esotérico é a própria vida do homem. Quando nos lançamos, a trilhar a senda do fio da navalha, entregamos de fato a nossa vida, para força e vontade superior. Cada passo que damos rumo ao despertar, são lágrimas que deixamos no caminho da vida. Há que se resgatar a nossa alma das profundezas de nós mesmos, há que se queimar o ego, a sujeira psicológica com crises emocionais, para despertar a consciência. Somente despertando podemos vencer a morte. Somente morrendo podemos nos integrar com a divindade, não me refiro a morte física, mas sim a morte psicológica. Somente nos fundindo com a divindade completamente, poderemos deixar essa vida de órfãos. Há que se integrar totalmente com nossa mônada. Jamais seremos felizes no sentido mais completo da palavra estando incompletos interiormente. Podemos nos enganar por um tempo, ou enquanto estamos envolvidos com os brinquedos da vida, que a própria mãe natureza nos oferece, para passar o tempo, enquanto não estamos preparados para trilhar o caminho verdadeiramente responsável, pois isso é coisa para um homem adulto esotericamente, mas dia chegará que teremos que nos decidir para que viemos e o que temos que fazer... aí definitivamente temos que tomar nosso rumo em direção à luz ou em direção as trevas. Esse é o beco sem saída, daí para diante se define o “Ser e o Não Ser” da filosofia. Todo parto é doloroso e teremos que nascer como deuses ou como demônios.

O caminho iniciático realmente começa quando o iniciado desperta a serpente do Kundalini para subir coluna vertebral acima. Para quem está começando esse caminho pela primeira vez, ou para quem está caído, tem que levantar sete serpentes sobre a vara, ou levantar sexualmente o Kundalini sete vezes, uma em cada corpo. Somos setenários em nossa constituição interna. Para cada dimensão em que habitamos, temos um veículo de expressão. E todos os corpos precisam do Kundalini desperto. Mas sem dúvida nenhuma o mais penoso de tudo é o despertar da consciência.

Para poder subir é necessário que baixamos primeiro. As crises emocionais vêm por que vem. Quando se diz, “choque para despertar”, podemos interpretar quase que cabalmente. Não

necessitamos colocar a mão em cabos elétricos, as situações da vida se encarregam dos fatos que precisamos.

Não vejo isso como negativo, a todo o momento podemos pedir luz e consciência, mas temos que esperar primeiro a dor. Quando pedimos luz, iluminação a Deus, podemos esperar dor, porque é assim que a consciência vai saindo de sua letargia. E lógico que depois recebemos os triunfos, que se cristalizam em faculdades psicológicas, experiências psíquicas e o mais importante de tudo, CONSCIÊNCIA.

No livro “As três Montanhas” do mestre Samael Aun Weor, temos passo a passo todo o caminho a ser percorrido pelo estudante que aspira a iniciação.

Para que possamos entender bem o que há para se fazer no trabalho iniciático, temos mais ou menos estas funções a cumprir:

### **\*Fazer a vontade do Pai.**

Aqui já temos um grande princípio, e se começamos assim vamos muito bem.

Como saber o que nosso Pai quer que a gente faça? Essa é uma boa pergunta e merece uma boa resposta. Temos que prestar atenção na linguagem do nosso subconsciente. Através das experiências fora do corpo nos mundos superiores, recebemos as indicações e a linha que mais ou menos temos que seguir.

Assim prestando atenção no que nos chega, podemos saber se estamos fazendo a vontade do nosso Pai Celestial.

A outra forma é aprendendo a ouvi-lo. O nosso Pai não usa a mente e nem a emoção para se manifestar, pois está acima dos dois. Podemos dizer que Ele se expressa por meio da intuição, ainda que sua manifestação seja superior a esta qualidade. O mestre Judas cita essa voz, como um Juiz que nos auxilia nos momentos delicados de nossa vida.

Se o nosso Pai quer que avancemos pelo caminho iniciático, naturalmente teremos já um certo interesse pelo assunto, pois ele mesmo estará impulsionando sua alma, para que trabalhe e dê os frutos que Ele espera. Se assim for aí teremos os seguintes passos para realizar dentro do caminho iniciático.

### **\*Vencer o Guardiã do Umbral.**

Esse, o enfrentamos no mundo astral primeiramente. Ele representa todo o nosso egoísmo, que é o maior obstáculo a ser vencido para se chegar ao Pai. Diz-se Guardiã do Umbral, porque ele representa os nossos “eus” e para entrarmos na Iniciação temos que antes de tudo estar dispostos a lutar contra nossos defeitos psicológicos, de ira, inveja, orgulho, medo, preguiça, luxúria... Dentro de cada elemento desses temos átomos de consciência. Que liberado se junta à fração que já está livre. Assim aumentaremos a consciência gradativamente.

Através dos séculos as religiões representaram essa luta que acontece dentro de nós mesmos, com símbolos, por exemplo: São Miguel vencendo o Dragão; os demônios vermelhos de Seth no Egito; A luta de Buda contra sua Mara interior; Apolo contra a serpente Píton; no cristianismo temos Jesus expulsando os mercadores do templo (símbolo vivo do corpo humano) com o látigo da vontade. É o nosso Cristo interior limpando o templo humano do Pai, da podridão dos séculos.

Quando o estudante, após uma prévia avaliação do seu mestre, está mais ou menos preparado para enfrentar essa prova, recebe-a no mundo astral. Então se vê sozinho diante de um monstro, que é a própria personificação dos nossos erros, falhas e maldades. É nesse ponto que mostramos se servimos para iniciados ou não.

Frente a frente com o Guardiã do Umbral da iniciação, temos que mostrar valor e encarar-lo com grande força, e partir para cima, como um guerreiro, pois nossa vida está em jogo e não podemos



fracquejar. Vencida a prova do Guardiã do Umbral, somos recebidos com festas e músicas cósmicas pelos mestres e mestras nos mundos superiores, pois “há mais alegria em um pecador arrependido, do que em mil Justos que não necessitam de arrependimento”.

Daí para diante, somos Iniciados de Mistérios Menores. Temos que escalar os nove degraus, para se preparar para os mistérios maiores, que já é um trabalho mais sério e mais duro. Os mestres que custodiam o novo iniciado aplicam provas para testar a luxúria, a ira, a inveja... e para ver a categoria do estudante e como ele está em seu trabalho aqui fisicamente.

### \* **Despertar o Kundalini.**

O kundalini é uma força sexual, e temos que trabalhar com a magia sexual para despertá-la e fazê-la subir, de chacra em chacra, de vértebra em vértebra pela coluna vertebral, até o átomo do Pai, que está no entrecenho.

Todas as religiões citam a necessidade de despertar o Kundalini de forma simbólica e oculta. Basta pensarmos na serpente tentadora do Éden, na serpente que sanava os israelitas no deserto ou ainda nas passagens bíblicas do novo testamento onde Jesus em conversa com Nicodemos afirma: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o filho do homem...”. Esse é o nascer da água e do espírito, esse é o segundo nascimento citado, pelo mesmo mestre Jesus, no mesmo capítulo (João 3). Nascer de novo é uma questão sexual. Se nascemos como resultado de um ato sexual, nascer novamente significa apelar para a questão sexual, mais uma vez. Com a diferença que não nasceremos para a carne, mas para o espírito, criando os corpos superiores do verdadeiro homem.

O que seria esse segundo nascimento?

A nossa constituição interna é setenária; temos sete corpos, quatro deles formados outros três ainda por fazer. Cada corpo desse, está habilitado para uma dimensão ou região da natureza diferente.

# Corpo Físico = é o corpo que usamos no nosso dia a dia. Cada corpo possui seu próprio Kundalini. No corpo físico esse Kundalini é semi-físico e semi-etérico, necessitamos levantar a serpente para despertar esse corpo.

# Corpo Vital = é um corpo etérico físico, dá a vitalidade ao nosso de carne e osso, também necessitamos levantar a serpente sobre a vara (coluna) e despertar o corpo vital.

# Corpo Astral = é o corpo que usamos quando saímos em astral ou sonhamos. Veículo de expressão dos sentimentos. Esse corpo é um dos “trajes de bodas da alma”. Esse a maioria da humanidade não possui, porque jamais trabalhou com a magia sexual. Esse é um dos aspectos do segundo nascer, ou seja, formá-lo. Atualmente a humanidade só possui um espectro e levantar o Kundalini nesse espectro por direito, forma o corpo astral autêntico, que nasce como uma criança. Com esse corpo superior, podemos entrar em todas as regiões do plano astral. As pessoas que não possuem o corpo astral formado, não tem acesso ao astral superior.

# Corpo Mental = veículo de expressão da mente, também não possuímos esse corpo. Depois de formarmos o corpo astral, começamos a formar o corpo mental ao levantar o kundalini desse corpo. Enquanto o espectro Mental da humanidade é uma sombra que lembra mais um animal do que um homem, o mental solar que nos dá um pensamento superior das coisas, é um corpo amarelo dourado que irradia luz da mesma cor.

# Corpo Causal = corpo de expressão da nossa alma humana na sexta dimensão. Esse corpo temos que criá-lo também, levantando a sua serpente sagrada que é o Kundalini.

# Corpo Búdico = corpo de expressão da nossa alma divina, nossa Budhi. Já possuímos esse corpo, mas o temos ainda adormecido, pois o Kundalini do mesmo está encerrada no cóccix. Há que se despertá-lo após o nascimento do corpo causal.

# Corpo Átmico = Se diz, “Alma se tem e Espírito se É”. O corpo átmico é o corpo de expressão de nosso Real Ser Interno. Nós mesmos dentro de nós mesmos. Também temos que levantar a serpente do Kundalini Átmico, para dar ao mestre interno, consciência e força.

Como somos setenários, temos que trabalhar de corpo em corpo, um de cada vez e fazer o que fez Moisés no deserto, levantar a serpente do Kundalini sobre a vara da coluna.

O básico e fundamental para preparar essa energia é sutizando todas as nossas energias. Desde o pensamento até a ação, devem ser equilibrados e sutis. Pois usaremos o sêmen, no caso dos homens e com o fogo sexual, vamos dando choques na nossa energia, até logarmos despertá-la. Não é preciso o derrame sexual. Pois usaremos essa energia para o Kundalini. Quando se perde a água se perde o fogo e isso é um atraso para o nosso avanço.

Com equilíbrio polarizamos a energia positivamente. O mais grave sentimento para pesar essa energia é a luxúria, que falseia a energia para converte-la em seu próprio alimento, depois vem outros sentimentos, os pensamentos e por último a ação. O kundalini exige energia para se desenvolver, por isso temos que tê-la excedente. O mais importante na nossa vida é fazer um bom trabalho psicológico, sem desespero, sem afobação, o importante é fazer. Quando se faz, mesmo que equivocado, aos poucos vai se acertando os erros, corrigindo-os. Para quem trabalha interiormente tem o auxílio de toda uma comunidade de mestres a indicar o caminho.

Com o despertar do Kundalini já somos discípulos de Mistérios Maiores, quando estamos na primeira vértebra somos considerados iniciados de 1º grau, com a segunda vértebra somos iniciados de 2º grau e assim por diante.

Quando se alcança a primeira Grande Iniciação de Mistérios Maiores, o Kundalini já fez todo o percurso até o entrececho, somos considerados Iniciados de 100 anos. Com a segunda serpente Iniciados de 200 anos e assim por diante, até os 900 anos esotéricos. Para quem já possui todos os corpos formados, mas nessa vida necessita refazer o trabalho seja por recapitulação ou queda de vidas anteriores, já na Primeira Iniciação de Mistérios Maiores se encarna o Íntimo. Se essa for a vontade Dele. Assim dessa forma, o homem se diviniza e Deus se humaniza, e dessa mescla Divina e Humana surge como um raio o Mestre Verdadeiro.

Assim pouco a pouco vamos trilhando o caminho Iniciático rumo ao encontro com Pai, com o Filho e com o Espírito Santo dentro de nós mesmos, pois os céus se conquistam por assaltos e os valentes o têm conquistado. Pois a senda do fio da navalha, sempre foi pisada pelos seres mais valentes e revolucionários que já existiram na terra. Há que se dizer, revolucionário contra seu próprio egoísmo.

Jamais alguém poderia trilhar o caminho iniciático sem sentir dentro de si o eco da Verdade.

Eu convido as pessoas que se acham maduras, preparadas, que trabalhem internamente e que busquem a verdade dentro de si mesmo.

Esse livro não é dono da verdade, esse livro não expõe a verdade, mas exala seu aroma.

## Esboço Iniciático

Tudo é novo e velho ao mesmo tempo;  
Assim posso renovar minhas velharias nas tuas juventudes;  
Admira-me o teu jeito de vir;  
põem as coisas antigas em pequeno pensar de criança;  
E isso me satisfaz...  
Pois eu também sou criança.

Uso-te e sempre te usarei,  
assim vamos acertando as contas com o infinito.  
Os teus vem a meu encontro;  
e os meus vão em teu auxílio...  
Assim eu me humanizo...  
E você se diviniza.

Michael Aun Weor

## INFÂNCIA

### Capítulo 2

Nasce um menino, aspira o prana pela primeira vez e surge à vida... nasceu... Interrompe o silêncio, que até o momento governado pelos gemidos da mãe, o andar apressado das enfermeiras e os objetos do parto, com um desabafado grito de dor, de susto ou rebeldia, que a própria natureza com o passar dos anos abafa, com sua vida mecanicista, ilusória e fugaz, acaba a gestação e dá início a mais uma existência, a mais uma vida. Essa é a eterna luta entre a vida e a morte. A vida que triunfa agora, é derrotada, no momento em que se dá o último suspiro.

Nasce mais um... assim poderia ser dito das almas que vivem em prol do tempo e das coisas vãs. Ou será, o contra peso das almas, buscadora da verdade, que agora somente vê trevas...

Uma das trevas se dissipou, o útero materno, porém leva consigo, uma outra treva produzida por outro ventre; da mãe natureza.

A treva da inconsciência é produto da gestação; e a mãe natureza, no mais Íntimo dos homens, aguarda a ansiosa maturidade dos seus filhos para as coisas sérias e palpáveis dos mundos superiores.

Erra quem pensa que me refiro a esse mundo físico, que também tem a sua sabedoria. Acerta pra quem não põem limite à busca do conhecimento direto. Os homens que buscam a verdade, a fonte da sabedoria, devem estar despertos, conscientes... Para se chegar à consciência desperta, necessitamos nascer novamente... sair do útero da mãe natureza... o tempo da gestação, fazemos cada um. O tempo é relativo segundo a maturidade de cada um.

Todos os humanos, são fetos que a Divina Mãe do mundo, gesta... aparentemente poderíamos dizer, “má já tenho a consciência desperta, ou sou um homem autêntico...” E o que pode dizer o adormecido senão dos seus próprios sonhos? Nós nascemos fisicamente, mas ainda não nascemos espiritualmente. Dentre muitos nasceres, há o nascer da consciência... um nascer tão distinto para o homem, comparável a um novo parto... vemos trevas, essas trevas, são as trevas da inconsciência. Estamos no ventre da mãe natureza, poucos são os que estão realmente nascidos. A humanidade dorme profundamente, ainda que se crê desperta.

A maioria das pessoas vive uma vida limitada, que começa do berço e vai até o sepulcro. Ignoram o que está antes do berço e o que está além do sepulcro. Mas não podemos negar a existência daqueles que serviram de exemplo para a nossa espiritualidade, os seres que vivem de berço a berço e de sepulcro a sepulcro.

O terno infante, enrolado e roxo de frio, chora e reclama da sua nova condição. O choque da nova realidade, é tão intenso como para quem desperta a consciência. Como um novo recém-nascido, dormimos ainda bastante, até que aprendemos a caminhar com nossos próprios pés.

Continuamos a observar, esse pequenino, que nasce para o mundo físico, ainda dá os seus primeiros gritos e choros... Como um revolucionário, nasceu antes do tempo, por isso aguarda a saída do hospital...até que as condições de sua saúde, permitam-lhe ir para sua casa e viver enfim, próximo da mãe.

Seu pai dá nome a criança; José Aldrios.

Como toda criança, brinca, chora, tem as suas manias... como qualquer criança, faz “artes”, apanha, chora, come e cresce, aliás como qualquer pessoa...

Nada de especial leva consigo, nem um privilégio, ainda que seja motivo desse livro. Apesar do seu coração generoso, tem a consciência profundamente adormecida. Pensava às vezes ser diferente das pessoas, alguma coisa estranha. Gostava dos poderes e ficava desejando que algo lhe acontecesse, para ficar com os poderes do super-homem.

A sua infância, como outra qualquer, jogando futebol, brigando e brincando com seus irmãozinhos, ele é um dos sete da família.

A sua educação tem como base à religião católica, aprende a rezar, a falar com Deus e ir as missas. Todos os domingos, às sete horas da noite, sua mãe, como boa religiosa, queria ver os seus filhos, dentro do templo religioso. Três vezes o sino da igreja batia, anunciando o momento do início da missa. Não era raro, encontrar nessas horas José, jogando futebol com seus irmãos e amigos, claro que jogavam até não poderem ver mais a bola com a escuridão da noite, tudo para não ir à igreja.

Chega a época da escola é matriculado, faz pela primeira vez o seu nome, um pouco fora de linha e atravessado no caderno. Seus primeiros dias como aluno vão bem até que resolve faltar pela primeira vez... na primeira série, não quis mais ir para a escola, nada lhe fez voltar à escola... assim perdeu um ano letivo. No próximo ano, com novas aspirações, vai à escola por livre e espontânea vontade, ainda que durante o ano, precisasse ser levado algumas vezes com açoitões até a porta da sua escola... bom menino, obedece bem assim.

Entre estudos, diversões e brigas, ardia dentro do nosso rebelde infante, uma inquietude inconsumível, sobre as coisas ocultas e espirituais, que a religião da época não conseguia responder. Suas indagações com poucos anos de idade, deixavam as suas irmãs e seus familiares sem jeito e sem resposta... “Quando eu morrer, depois eu volto? Eu vou ver Jesus quando morrer?” e assim ia com o coração inquieto.

Na sua infância tinha fama entre seus familiares de ser bagunceiro, autor das “artes” que as crianças faziam. Assim tudo que acontecia começava a pender para o seu lado... O telhado estava quebrado? Foi o José, sumiu o chinelo do seu primo?...foi o José. Isso trazia um sentimento de inconformidade, pois a culpa de tudo caía sobre seus ombros, por que era brincalhão, divertido e claro “arteiro”. Com essa fama, resolveu mudar, completamente. Não queria ser mais um menino referência para indisciplina. E mudou... mudou seu comportamento, ficou mais quieto, calado, também perdeu a alegria e todos com poucas exceções, esqueceram do antigo comportamento.

Agora José era um adolescente sério, quieto. Crescia em corpo e amadurecia em espírito. Com 1,72m, olhos castanhos esverdeados, de um tipo solar, cabelos castanho escuro, curto, levemente ondulado e olhar de guerreiro, passava para os demais uma impressão de força e seriedade, um tipo militar, mas se confundiam todo quando viam José brincando, algo atípico com a expressão que possuía em seu rosto. E em seu interior se revolia um ardor que o faria mudar mais uma vez sua vida.

E uma estranha força do destino, lhe induzia a entrar em um grupo esotérico que revolucionou o seu pensamento, que até então jazia quieto e imóvel, sem tentar dar resposta ao seu coração ardente de conhecimento.

## Esboço Inicial

Prezados passageiros...  
De embarques e desembarques...  
A nossa hora se aproxima.

Ombro amigo com quem incitei a inúmeras conversas...  
Gente de olhar profundo  
De charlas presunçosas;  
E de sonhos;  
Muitos sonhos...  
Como sonha a tua alma.  
Pois dormes no pior dos sonhos...  
O da vigília.

Por isso os teus vão para o além...  
Aonde o trem não chega...  
Pois não há mais trilhos;  
E nem sonhos a serem realizados;  
O trem das treze já partiu.

Michael Aun Weor

## ADOLESCÊNCIA

### Capítulo 3

Com 16 anos de idade, começa a estudar esoterismo e sua mente que até então não havia atendido a inquietude que levava no peito, começa a entrar em atividade.

José não era de ler, pois jamais havia encontrado alguma leitura que correspondesse com os seus anseios, a verdade é que jamais imaginava que pudesse ter pessoas capazes de escrever sobre as coisas santas. Não buscava nenhum livro e sua mente ainda não correspondia aos apelos do seu coração.

Uma das coisas que fazia com que ele ficasse afastado dos cursos esotéricos espalhados pelos grandes centros, é a falsidade e o comércio de almas. Também não pensava que algo da verdade pudesse estar estampada em cartazes e em órgãos publicitários. Pois todos por esses tempos se interessavam em comercializar e a religião era um ótimo negócio.

Mas convidado por sua irmã, que já estudava nesse grupo, teve a confiança necessária para entrar também, pois acreditava em sua irmã.

Quando recebeu os primeiros ensinamentos levou um grande choque, pois parecia já conhecer o esoterismo gnóstico e ficava imaginando porque não tinha feito o trabalho esotérico que o movimento gnóstico pregava. “O que eu fiz para não realizar esse conhecimento dentro de mim mesmo” dizia para si mesmo. Tamanha era a sensação de familiaridade com relação com o que aprendia. Sentia que era aquilo mesmo que queria e se pôs a praticar e deixar o passado para o passado.

Sua fome por conhecimento esotérico, ocultismo era gigantesca. Pôs-se a ouvir e a perguntar, aliás muitas perguntas... Quando não tinha mais o que perguntar a sua irmã, começou a repetir as perguntas, só para ouvi-la falar do ensinamento.

Embora estivesse recebendo ensinamentos preciosos e que lhe chamavam muita atenção, não conseguia manter sua atenção nas palavras do Instrutor e quando se dava por si, já havia perdido parte da conferência. Tinha uma péssima concentração. Esforçava-se para ouvir tudo, mas sempre perdia parte da conferência por sua desatenção, estava com a cabeça sabe-se lá onde.

Agora já com pensamentos completamente distinto da religião católica, comprou briga com sua mãe. E seus familiares e amigos já o viam como um fanático, fora da lei e da ordem. Tudo isso porque seguia um curso que não proferia os ensinamentos católicos. Deixou de freqüentar a igreja e isso foi um afronta a sua mãe, que era quase que uma beata.

O conhecimento que teve nesta época, serviu de base para se auto-conhecer.

Sentia estremecer de verdade, algumas frases que encontravam eco, no fundo do seu coração. Passou os anos, dentro desta instituição, se entregava de corpo e alma, quis que outros também recebessem essas formosas verdades. Verdadeiro alimento da alma, tanto procurado por sua inquietude ou fome espiritual.

Achava que todos gostariam desse assunto como ele e o primeiro golpe que recebeu foi de um irmão seu, que ignorou o conhecimento, sem antes dar uma boa lição de moral com que julgava este tipo de assunto. Ficou impressionado, pois esse conhecimento sentia que era verdadeiro e toda a sua alma vibrava, ecoava e dava gritos dentro de si, como que querendo fundir-se ao Deus Interior, mas seu irmão não tinha o mesmo ardor, as mesmas inquietudes, assim o repudiou e não quis ouvi-lo.

Ainda que fosse uma grande quantidade de conhecimento, faltava o seu próprio conhecer, com as famosas perguntas, quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? E seguia lendo, lendo, lendo, leu toda a biblioteca da instituição e um dia, em que já tinha lido, muitas vezes cada obra, foi pedir mais livros. Realmente com uma frase bem compreendida e levada à prática é o suficiente para lograr o despertar da consciência, ou até mesmo a Liberação do Ser, pois com prática, chegamos onde o intelecto

não pode chegar. Mas o caso do nosso adolescente era insaciável, sua fome interna era grande e precisava de alimento e se não tinha condições de buscá-la por si mesmo, buscava nos próprios livros.

Nessa época aprendeu sobre os “eus”, sobre as hierarquias e os mestres, chacras, vidas passadas e muito outros assuntos. Soube da degeneração humana e começou uma luta incansável contra seus próprios eus, que personificam os nossos defeitos psicológicos da ira, orgulho, inveja, medo, preguiça, luxúria... venerou os mestres da instituição e seguia as suas orientações através dos livros.

Da mesma forma que muitos estudantes, não teve um mestre a seu lado, aprendeu a manter sempre em alta suas forças e pôs como objetivo na sua vida, crescer espiritualmente, limpar sua alma de tanta podridão. De igual forma, não possuía nenhuma faculdade de clarividência, intuição, jamais tinha saído em corpo astral conscientemente, nem sonhos bonitos, nem proféticos, apenas adormecimento, como quase todos os homens. Foi nessa época que viu que era igual a todos, talvez o pior deles, julgava-se assim pela quantidade de defeitos que o atormentavam.

Algumas cenas curiosas, talvez até corriqueiras de hoje em dia e que talvez muitos dos leitores já passaram; Um dia quando seguia o seu caminho, para assistir as conferências, viu uma carteira no chão, aberta e suja... começou dentro de si uma briga interna...

-Não, eu não vou juntar do chão, pois, pode ser uma prova que as hierarquias estão me aplicando e se eu juntar do chão, algo que não é meu, reprovado... mas pode ser que seja de algum bêbado, além do mais pode ter um trocado e seus documentos...

Meio que dissimulando, José resolve pegar a carteira... torcendo para que realmente estivesse pelo menos algum dinheirinho para voltar de ônibus depois do curso.

Quando foi juntar a carteira, esta sai andando sozinha, assustado José tenta segurar com os pés, mas a carteira vai embora puxada por uns meninos enquanto deixa um rastro de poeira atrás de si. E os meninos saem rindo de um arbusto, quase que afogados de tanto rirem. E José corado de vergonha, apressa os seus passos, com a cabeça baixa, sem saber para onde olhar. Mas os meninos não paravam de rir, eles rolavam pelo chão. E José não sabia se ria ou se chorava, na dúvida acelerou mais ainda suas passadas e continuou seu caminho, não ousou olhar mais para trás.

Depois dessa José resolveu mudar um pouco seu caminho e deixou de passar por aquela rua até que os meninos se esquecessem dele.

Resolveu não juntar, mais nada do chão que não lhe pertencesse. Não só pelas possíveis provas, que as hierarquias poderiam aplicar, para testar o “eu” do roubo, da cobiça...etc, mas também pela tamanha vergonha que tinha passado. Como ele dizia para si mesmo. “Fica o aprendizado”.

Seu estudo avançava na instituição e jamais havia falado em público, quando passou para a fase seguinte, os estudantes iam à frente ao quadro para falarem, o que haviam aprendido das conferências. A sala estava cheia e sua irmã, com receio de que ele abandonasse o curso, não lhe falara desse tipo de apresentação. Quando o instrutor o chamou, José corou, ficou estático e imóvel. Quando resolveu levantar para ir ao quadro, arrastou a cadeira com seu pé esquerdo, enquanto o direito pisava o pé de outro estudante que estava sentado a frente. Pediu desculpas, ajeitou a cadeira e foi à frente. No quadro negro, escreveu o título da conferência pela metade e quando falou, levou um susto, com sua própria voz... tamanho era o seu nervosismo. Falou o básico da conferência, ao passar para as perguntas um rapaz em dúvida começa a perguntar:

-Você falou dos centros, emocional, sexual, intelectual, motor e instintivo. Você deu exemplos mais claros dos quatro primeiros, mas eu fiquei em dúvida sobre o centro instintivo e gostaria que você me desse algum exemplo do nosso centro instintivo atuando?

-Bom... como vocês viram, me chamaram à frente e eu fiquei todo vermelho, esse é o meu centro instintivo atuando...

O pessoal da sala, não queria mais nada... caíram na gargalhada e José ficou mais vermelho ainda... realmente era uma maneira, bem ilustrada ou corada de mostrar um centro atuando.



## Esboço Inicial

Passaram os dias e ele foi se adaptando as conferências. Mas o medo de ir à frente da turma, era grande e esse se combatia com a vontade de ensinar e falar do conhecimento. Como uma luta, que enfrentava no seu dia a dia, por fim venceu a vontade de ensinar. Preparou-se para dar instrução e um dia foi convidado a ser aspirante a instrutor e José aceitou com muito gosto. Tudo o que sabia era o que o grupo lhe ensinava, aos poucos logrou comprovar algumas práticas.

Como bom esoterista, levava o aprendizado à prática e depois de um ano, praticando todas as noites ao se deitar, logrou sair pela primeira vez em astral conscientemente.

Sua primeira saída, ocorreu na madrugada, dormia em um beliche, sentiu um barulho forte em seu cérebro, o corpo batia como a um grande coração e vibrava deliciosamente como se as células ou átomos do corpo estivessem em nítido movimento... Levantou-se da cama, fora do corpo físico, em astral, mas com um sono terrível, sentia que sua consciência se desvanecia, resolveu voltar ao corpo e sair novamente. Voltou e saiu do corpo mais uma vez, deu uns passos dentro da escuridão da casa onde dormia passou do quarto para a sala e perdeu a consciência completamente. Essa experiência não produziu muita conformidade, pois sabia que tinha muito pela frente para chegar a sair voluntariamente e permanecer o tempo que quisesse lá no astral sem perder a consciência. E assim teve algumas experiências através dos anos. Pouco sensível, restava a luta e o esforço para adquirir a sua própria sabedoria.

Também soube da existência da projeção mental. Pois ainda que muitas pessoas duvidam, o homem possui vários corpos, citados por diversas escolas esotéricas. Os sete corpos são:

Corpo Físico = Nosso corpo, tridimensional;

Corpo Vital = Fundo vital, ou corpo etérico, é o que nos dá a vitalidade.

Corpo Astral = Corpo das emoções, sentimentos, é o corpo que utilizamos ao sair do corpo físico.

Corpo Mental = Veículo mental, está em uma região superior ao Astral, onde se processam os pensamentos.

Corpo Causal = Veículo da Alma, o Manas superior da Teosofia.

Corpo Búdico = Veículo da Alma Divina, nossa Budhi, mundo da intuição.

Corpo Átmico = É o veículo de expressão do nosso Íntimo. Nosso Real Ser Interior.

Sabia que deveria estar consciente no astral e de lá realizar outro desdobramento ou projeção, só que em vez de sair do corpo físico para o corpo astral, sairia do corpo astral para o corpo mental. Na verdade qualquer pessoa prática e consciente nessas regiões poderá se desdobrar até ficar com o corpo do Íntimo, o corpo Átmico. Sem sofrer nenhum dano por isso. Pois são corpos que a pessoa utiliza, mas não tem consciência. A primeira vez que realizou o desdobramento mental foi da seguinte forma:

Estava sendo perseguido em um sonho, saiu de uma casa e pegou uma rua correndo e na corrida viu que saía um pouco do chão, flutuando. Parou e disse para si mesmo:

-Espera aí! Isso eu não posso fazer no mundo físico (flutuar). “Estou no mundo astral” pensou sem dar muito alarme e lembrou que quando tivesse a oportunidade iria comprovar se realmente existia o desdobramento mental. não desperdiçara. Manteve-se concentrado no que estava fazendo e em um lugar mais reservado, disse a si mesmo:

-Corpo Astral, saia de mim! -Ordenou ao corpo astral enquanto algumas pessoas sentadas em baixo da árvore davam risada da ordem de José. Provavelmente estavam testando se José fazia a prática mesmo assim ou fugia envergonhado perdendo assim a consciência.

Depois disso, voltou-se para trás, como que querendo separar-se. Levantou e viu que havia se separado do corpo astral e agora estava com o corpo mental. O corpo astral, o repreendera, do por que, não estar trabalhando sobre si.

-Calma agora vai, agora vai,- respondeu

-Em que lugar do caminho iniciático eu já estive? Perguntou José para o corpo astral.

-Não sei, não me lembro...

José fora do corpo astral, via este como se fosse um estranho. E assim podia conversar como se conversa com outra pessoa.

Nisso veio um ser com uma lança e ameaçava o corpo astral, era uma das pessoas que perseguia José no sonho, que não fazia mais parte.

-Retira-te! Exclama José com autoridade. O selvagem, assim parecia ser, olhou e se retirou.

Logicamente que no astral todas as coisas tem a sua simbologia. E esse ser estava mostrando a decapitação dos “eus” que habitavam o corpo astral. A morte psicológica.

Com esse gesto imperativo, José deu-se conta de que estava com um corpo, jamais visto por ele, ou a menos não se recordava. O corpo brilhava, com um amarelo ouro resplandecente, muito bonito. Era o corpo mental, tão distinto do corpo físico e do corpo astral que são semelhantes.

Agora José estava com a cabeça pronta para perguntar muitas coisas, seu nome interno, seu nome na vida passada, seu raio, mas algo acontece. Tudo fica escuro diante de seus olhos. Seus os olhos que estavam cerrados, voltou ao corpo físico. Teve uma brilhante experiência.

Muitas pessoas, têm experiências nessas regiões mas não sabem diferenciar um sonho astral para um sonho mental. Muitas vezes estamos em uma situação, conversando com outra pessoa, trabalhando inconscientes e acordamos. Aí nos levantamos contamos o nosso sonho para outra pessoa, fazemos outras coisas e nos surpreendemos quando acordamos novamente. Isso quer dizer que acordamos no astral e depois no físico. Poderíamos dizer que é “o sonho do sonho”.

Em outra oportunidade, estando consciente que estava fora do corpo físico, quis fazer um novo desdobramento mental e falou para si mesmo:

-Corpo Astral saia de mim!

Quando falou isso, regressou ao corpo astral que dormia no leito, pois já estava no mental e não tinha se dado conta. Agora em corpo astral, levantou sonolento da cama, pois dormia sobre o corpo físico. Chegou até a porta e regressou ao corpo físico.

Essas experiências se processavam através de anos de práticas, pois realmente não tinha facilidade para se desdobrar ou se projetar fora do corpo.

Muitas pessoas estão contra o desdobramento astral, dizendo que é uma saída forçada. Mas diante disto temos que aclarar. Todas as noites nós saímos do corpo físico e viajamos em corpo astral consciente ou inconscientemente.

Tudo que se faz forçando trás maus resultados, o desdobramento ou projeção deve-se praticar da forma mais natural e espontânea possível. Concentrando em algum ponto ou no próprio sono, sem prejudicar a sonolência, se vê saindo, coisa que as pessoas não vêem e dizem que não existe. Como já mencionei, temos que despertar a consciência em todas as dimensões, não só aqui no mundo físico. Em astral podemos viajar para qualquer lugar da terra. Pelo plano astral, ou pela parte tridimensional no mundo astral, que é uma região em que vemos o mundo físico pelo mundo astral.

No princípio o estudante começa a recordar mais dos seus sonhos e estes se tornam mais lúcidos e nítidos. Ao longo das práticas e do despertar começa-se a tomar consciência de que se está fora do corpo, ainda que logo em seguida perca a consciência de se estar no astral e volte a sonhar. Mas com persistência e tenacidade, o estudante amplia o tempo de permanência no astral e aprende como se movimentar e buscar o que se precisa, estando consciente no astral pode-se ver o adormecimento das pessoas e a urgência do despertar da consciência. Mais adiante com a mesma continuidade em seus

propósitos se vê saindo e entrando do corpo a vontade, aí não tem mais sonhos, porque se converte em um dos cidadãos da humanidade consciente.

O resultado final de todo o esforço que se aplica no desenvolvimento interno é despertar da consciência em todos os planos da natureza.

Podemos definir em diferentes categorias de consciência astral:

**Adormecimento completo** – Não sente a verdade que está além dos cinco sentidos, não recorda dos seus sonhos e nos mundos internos anda como um sonâmbulo, sem rumo, sem ver... Apenas seguindo os seus sonhos.

**Adormecimento com sonhos** – Depois passamos para um outro nível ainda que não se tem consciência no mundo astral, consegue lembrar de alguns sonhos e alguns fatos que acabam acontecendo aqui no mundo físico.

**Raro despertar** – Com práticas seguimos uma ordem em que nos vemos umas e outras vezes despertados no astral, mas com um longo processo de adormecimento. Os sonhos proféticos surgem com as revelações individuais.

**Despertar mais freqüente** – Seguindo a ordem, começamos a despertar quase todos os dias, encontramos um conhecimento individual que se une com o Todo e com o tudo.

**Consciência contínua** – Quando logramos a consciência de Turya, iluminação, não adormecemos mais a consciência. E podemos viver em estado de paz e de consciência que não sofre interrupções. Essa é a consciência desperta. Quando logramos liberar a nossa Alma até o mundo causal, na sexta dimensão, podemos sentir o que é a consciência desperta. Temos que trazer essa consciência até o mundo físico, aí sim estaremos despertados, viveremos em estado de meditação constantemente e saberemos o que é uma pessoa adormecida.

## Esboço Iniciático

O batalhar das antíteses,  
Grande amigo e precursor do medo;  
Assim não podes ver nem sentir,  
Que o que está além das suas certezas,  
Não estão ao alcance dos seus sentidos.

Os objetos do desejo adiados por um ano...  
Teu tempo é meu, livre e servo escravo;  
Tua liberdade vagueia mais uma vez por minhas leis.

E eu não solto suas amarras;  
Pois tenho certeza...  
Que descobrirás que a tua felicidade  
Não depende de minhas leis  
Mas tão somente do teu espírito.

Michael Aun Weor

## O QUARTEL

### Capítulo 4

18 anos de idade, teve que servir o exército Brasileiro. Lá aprendeu que a revolução e a disciplina militar, tem muito haver com o espiritualismo. Serviu como soldado na 2º companhia de fuzileiros, sofreu o bastante e nisso o exército sabe muito bem como proporcionar.

Quando reuniram os novos recrutas da companhia de José, este teve a sensação de que conhecia a todos. Mas ao ver os demais recrutas de outras companhias, aí sim teve a certeza da ligação de vidas passadas, pois o rosto dos recrutas eram estranhos, muito ao contrário dos companheiros de José.

Um dia essa impressão era tão forte, que teve que perguntar para um dos recrutas:

-Escute, só um momento...

-Você mora ou já morou em Joinville?

-Não –respondeu o interceptado- eu moro em outra cidade, em São Francisco. Só vim aqui para servir.

Apesar dos momentos angustiantes, em que contavam os dias para saírem do quartel, que invejavam enquanto estavam de guarda, por qualquer mendigo que passasse em sua frente por sua liberdade, tiveram os seus momentos engraçados.

Num dia, em que passavam pelo primeiro mato, ou Boina Verde, que é o momento em que os graduados cobram dos recrutas tudo o que aprenderam, mas de uma forma dura, sugada, com bastante rigorosidade. José foi pego de surpresa com a seguinte pergunta, enquanto saía de uma lagoa:

-Por causa de quem você está aí?- Pergunta o sargento.

Sem vacilar, José responde:

-Por causa de Olavo Bilac!

-Muito bem guerreiro, mergulha mais uma vez aí!- diz o sargento.

Olavo Bilac é o propugnador da Lei que obriga o serviço militar.

-Guerreiro -pergunta o mesmo sargento para outro recruta.

-Mergulha aí e me trás um ovo de pato!

O recruta mergulha, desaparece na água turva da lagoa, seus pés mechem, parece que está pegando algo... põem a cabeça para fora e diz:

Oh sargento! o ovo de pato eu não consegui, mas achei esse de galinha. (o ovo do almoço em seu bolso).

-Qual é o melhor time de futebol do mundo, guerreiro?- Pergunta outro sargento, enquanto José rasteja pela pista empedrada e cheia de lama.

Se ao menos ele soubesse o time do sargento, ficaria mais fácil de responder.

-Flamengo sargento,- responde José com receio

-Que flamengo, 685, não é flamengo não... é o Grêmio, o Grêmio...

-Qual é o melhor time do mundo guerreiro?- Pergunta novamente o sargento com ar autoritário.

-É o Grêmio sargento- responde, confiante, sabendo da satisfação do comandante.

-Muito bem guerreiro... muito bem...

Apesar de sofrimentos, o quartel dá a fibra para o homem, são momentos difíceis de se esquecer. Os dias passavam, amargos. Era soldado fugindo, soldado preso, dia e noite o pensamento

mais comum entre os recrutas, era fugir do quartel, pensavam em como fazer isso e não faltavam aqueles que tentassem, como um que foi detido já dentro da rodoviária. Outros tentavam se matar pulando da janela.

Passavam os dias no quartel, um dia após outro e aprendeu uma lição, que vale para muitas situações da vida. Estando obrigados a irem ao mato, iam com má vontade e sofriam muito mais com isso, José no último mato percebeu que indo com vontade, não ficava triste e até o tempo passava mais rápido.

A moral dos recrutas caía até os pés, quando a companhia ia para o mato. Passavam uma semana comendo farelos e o que levavam na bolsa. Todas as manhãs lavavam o rosto, faziam a barba e se enchiam de ânimo. Banho, nem pensar, voltavam a pintar o rosto e saíam em missão. Nos olhos dos companheiros de pelotão, se via a amargura de estarem em um lugar onde não queriam estar. Somente quando chegava às vésperas de ir embora é que se via risos e brincadeiras.

Um dos piores momentos em que passou no exército, foi quando enfrentou o seu primeiro mato, em que os militares cobravam o que haviam ensinado aos recrutas nos primeiros meses de quartel. É desse mato em diante, que os recrutas são considerados soldados e podem usar a farda, que só é permitida com a Boina Verde. Por isso é comum ver os recrutas sempre de civil. Pois não possuem a Boina Verde e nesse mato iriam “ganhar esse troféu” a Boina Verde.

Para chegarem ao local da operação Boina Verde, todo o quartel caminhou 12 km, faziam marchas que aumentavam em distância para chegar aos 30km no fim do ano.

21 de abril, feriado nacional, muitas pessoas assistindo nas ruas a passagem dos recrutas. Alguns lembravam ironicamente do feriado, enquanto riam da má sorte dos recrutas.

Os dois primeiros dias foram “light” Sem pressão, no final do primeiro dia, desabou uma chuva forte. Dormiram na barraca, nesta noite. No dia seguinte, separaram todos os recrutas em 6 grandes pelotões, Ninguém mais era chamado pelo nome, eram somente números. E a chuva continuava, entre pequenas pausas e o frio aumentava. Na área do acampamento havia várias barracas de instruções, os recrutas passariam por todas, receberiam uma instrução e eram cobrados, ai, ai, ai, daqueles que não sabiam, ou não prestavam atenção. No centro do estande havia uma lagoa, onde também usariam para passar as instruções relativas à água, afogamento, primeiros socorros e outras atividades.

Colocaram os recrutas sentados para assistirem a notícia do jornal local, a respeito da operação Boina Verde, que eles estavam enfrentando.

Depois passaram para a instrução ao lado de uma construção em madeira.

A chuva continuava, a noite começava e o sono queria dominar a todos, enquanto um sargento passava a missão dos grupos. A distância e a chuva impedia que José ouvisse algo. Todos os recrutas se espremiavam de frio e tentavam minimizar encostando-se uns aos outros.

José sem entender o que o sargento está falando, teme por sua sorte.

Agora os recrutas se mechem e são separados em pequenos grupos, todos tomam uma direção diferente e José sem entender e sem rumo, acompanha o mais próximo, mesmo sem ter certeza de que pertenciam a esse grupo.

O mesmo sargento dá a instrução para os grupos em separado. O grupo em que José acompanha também recebe as últimas instruções, mas o sono é terrível, tudo parece querer adormecer em José e nos recrutas. O som das gotas da chuva no sargento encapuzado, a voz do mesmo, tudo parece uma canção de ninar, tudo parece um convite para dormir... e José dorme em pé mesmo... dorme como uma criança no colo de sua mãe.

José fora de si, não ouve mais nada, não sente a chuva que cai em seu corpo e muito menos na voz do sargento. As gotas da chuva parecem brincar em seu rosto. Que cobertura maravilhosa. Que sono reconfortante...

-Acorda recruta!!! -Grita o sargento enquanto dá um soco no estômago de José.

## Esboço Inicial

Assustado por acordar repentinamente e abalado pela falta de compaixão do sargento... guarda silêncio enquanto uma gota de lágrima percorre seu rosto, talvez querendo se confundir com a chuva.

Na segunda noite de instrução, aprendem como identificar, imobilizar e prender um sentinela, como ver melhor um objeto no escuro... Até aí tudo bem, mas o pior, foi que eles tinham que fazer isso na prática, com um sentinela que já sabia que eles viriam e lógico que não seria rendido.

Um a um o Tenente Assis enviou os recrutas por uma trilha que daria em outro lugar do estande, na vez de José, levantou e foi... porém ao chegar na metade do caminho se deparou com todos os outros, que sentados observavam os primeiros enviados, levantando, baixando, arrastando-se... bem, o certo é que ninguém quis sair do mato para render o sentinela.

Quando o sargento responsável viu toda a tropa de recrutas escondidos no mato, os chamou.

Esse sargento era de origem Japonesa, terrivelmente “sugador”. Tinha em sua destra um holofote na direção dos olhos dos recrutas. Através da luz se via a chuva fina que caía. Nessas horas da madrugada nada mais fazia diferença. Sentaram muitas vezes, levantaram muitas vezes, alguns espertinhos se apoiavam em um barranco no fundo do pelotão fora do alcance dos olhos do japonês...

-Sentados 1,2...

-3,4- respondiam os recrutas enquanto sentavam.

-De pé 1,2...

-3,4- enquanto levantavam.

Assim passou o tempo.

Depois o sargento colocou 20 recrutas em círculos incluindo José, começaram a correr em círculos enquanto diziam:

- “Não não, não posso parar, se parar eu penso, se eu pensar eu choro”...” não, não, não posso parar...”

O chão começava a se afundar, de tanto que corriam em círculos. O terreno era composto de grama e um pouco de capim. Mas no rastro dos recrutas se via lama, de tanto pisarem. Todos tinham que falar em tom alto e claro. José cantava mais alto quando passava perto do sargento, longe só gesticulava a boca. Isso era por volta das 1:30h da madrugada.

Quando pararam de correr em círculo um dos recrutas, veio de frente e caiu com o rosto na terra...desmaiado. Levantaram o recruta e quando esse retomou a consciência, entrou no círculo novamente e se pôs a cantar junto com os demais.

Bom a sugestão parou e o sargento ordenou a todos para que seguissem por um fio, sem dizer onde chegava o mesmo e todos teriam que dizer o que tinham visto no mato. Sempre seguindo um fio, não podiam largar o fio de jeito nenhum... Lógico que tinha sacanagem, fio arrebitado, grotas, valas e mata fechada. Tudo no escuro.

No final ainda tinham que falar a senha, uma senha louca e gigantesca e contar para o Tenente tudo que perceberam durante o trajeto.

Dentro do mato, quase não se via nada, apenas alguns vultos. Mas se ouvia muito, era um que caía atrás, outro que escorregava na frente, até que o fio termina amarrado em uma árvore, sem chegar a nada. Todos começam a procurar onde está a continuação do fio. Um dos recrutas escorrega e se ouve o barulho lá embaixo. Pelo menos ele não se machuca.

-Achei!!! –grita um recruta.

Todos seguem a voz de quem gritou, com a esperança de encontrar o fio e seguir a instrução imposta. Era mentira.

-Achei, achei, aqui... aqui. -Grita outro

## Esboço Inicial

Os recrutas de dirigem a esse e agora era verdade, pegam o fio e continuam a marcha noite adentro, enquanto o fim não chegava.

Ao chegarem no final, já era 5h da manhã, apresentaram-se a um soldado, que divertidamente os recebia. Um cantava daqui, outro fazia brincadeira dali, realmente difícil de se ver descontração nessa hora. Mas ali havia. A noite já se perdera, o sono e o cansaço se via estampado nos olhos de todos, inclusive dos que comandavam.

-Eu era assim, comenta o soldado antigo.

-Não gostava de comida requentada, não gostava de cebola, era chato para comer. Não sabia dar valor para a comida quente, para uma cama perfumada... fiquei totalmente transformado. Hoje colocou na mesa, pra mim é comida, não faço cara feia.

Os recrutas ouvem os comentários do soldado antigo.

As conversas, as brincadeiras na cabeça de José, já pareciam como sonhos. Tudo estava meio distante. Mas sentia uma estranha alegria no ar. O tenente Assis ouve as brincadeiras dos recrutas e gosta. Um recruta que estava cantando em inglês é interceptado pelo tenente.

-Guerreiro! Você sabe cantar em Inglês?

-Sim senhor!

-Então canta essa música de novo para mim, mas já sabe se cantar errado vai ter.

O soldado canta, canta... e o tenente ouve.

-Que inglês é esse guerreiro?

-Não tenente, ta certinho o meu inglês. –se defende o recruta em meio aos risos dos demais.

-Muito bem guerreiro! Aplausos para ele. –conclui o tenente.

-He! Viva... -Gritam alguns.

Com o fuzil limpo, barba feita e os pés cuidados. José ainda tinha que dormir. Mas já era 5h e 30 minutos da manhã e a alvorada, era às 6h, total, 30 minutos de sono.

Como não tinha tempo para fazer o bivaque ou acampamento e muito menos para dormir se acostou em um barranco e dormiu com extrema facilidade, ou já estava dormindo durante o trajeto? Não se sabe.

José acordou e sentia que muita gente o fitava. Viu o tenente segurando o seu fuzil enquanto observava seu belo sono e os outros recrutas olhando assustados... Todos faziam silêncio temendo a sorte de José.

-Quanto vale o seu fuzil guerreiro?- Pergunta o tenente.

-20 apoios, tenente?

O tenente franze o rosto, pensa e aceita.

José sem titubear, se agacha e começa os apoios no solo.

-Um, dois, três, quatro...vinte.

Fez os vinte apoios no solo e o tenente o adverte:

-Nunca deixe a sua namorada solta (o fuzil), sempre amarre ao seu corpo quando vai dormir.

-Sim senhor! Exclama agradecido José.

Não se sabe o que foi pior, o sofrimento físico ou o a pressão psicológica que faziam os militares sobre os recrutas. O fato é que passaram os 5 dias, sem que os recrutas soubessem quando iriam terminar o acampamento. Sempre se dizia que aquela era apenas a primeira parte. Que logo iria acabar para dar início a segunda parte. Mas essa primeira parte nunca acabava. Aqui lá e acolá se via recrutas caindo desmaiados ou sendo “sugados”, outros chorando como crianças. O pé que permanecia molhado todo esse tempo, estava apodrecendo e dificultava o andar, mas quem disse que andavam, tinham que correr, até enquanto permaneciam na fila para receberem a comida, segundo a limpeza do



fuzil. Com 4 kg a menos, no último dia da Boina Verde, José não podia mais caminhar, assim como todos os outros recrutas, se arrastavam como podiam, realizando as instruções impostas pelos militares. A pressão em pleno sofrimento era que não divulgavam quando iria finalizar a operação Boina Verde e isso causava angústia e sofrimento.

Uma coisa rara acontece no acampamento. Os graduados deixam os recrutas parados por mais de meia hora, coisa que não se repetia, desde o início da operação. As 23:00h o comandante da operação, chama todos os recrutas, põem todos em formação militar e dá as ordens:

-Atenção recrutas, operação Boina Verde primeira parte, dando prosseguimento a nossa operação. Vocês serão transportados por um caminhão a uma região que nós não divulgamos. Irão receber uma bússola e terão que seguir a azimute 20. Não poderão desviar desse grau e terão que permanecer nele, mesmo com precipícios, rios, ou qualquer obstáculo natural que existir. Para chegar aqui no estande de tiro novamente. Agora são 23:05h, terão que chegar aqui novamente antes do amanhecer. Vocês serão divididos de sete em sete para uma bússola e não poderão perder nada, do que estão utilizando. Nenhum de vocês poderá perder nada. Se alguém perder qualquer objeto, ficarão sem comida até que o encontrem novamente. Entendido!

-Sim senhor! -Responde todo o grupo de recrutas.

-Entendido!!! -Repete o capitão com mais força.

-Sim senhor –Também respondem com mais força os recrutas.

Todos entram nos caminhões, apertados ficam um sobre o outro. O caminhão andou... andou... andou....até que finalmente parou, nas margens de uma rodovia. Entram no mato e caminham por uma hora adentro. Na primeira vez que param para descansar, um dos recrutas desse o morro sonâmbulo, delirando, o pessoal o segura e tentam acalmá-lo. Quando chegam no objetivo, largam os recrutas em grupos de sete e os militares graduados retornam ao caminhão.

Assim de sete em sete, em um tempo que separa os grupos, saem todos os recrutas para chegarem ao objetivo.

A pressão psicológica era grande, pois não sabiam quanto tempo ficariam no mato, não sabiam como chegariam no objetivo e nem por quanto tempo mais duraria aquela operação Boina Verde... isso tudo contribuía ainda mais para aumentar os sofrimentos físicos que sentiam, desde os pés, até a cabeça, as mãos inchadas de tanto se agarrarem nos matos, fome, os pés inchados e brancos por estarem tanto tempo molhados. Qualquer marca natural dos pés agora doíam como cortes, tal era situação.

Mesmo cuidando todos os dias, com pomadas, várias meias (todas molhadas) José conseguiu adiar as feridas dos pés. Os militares exigiram que todos levassem pomadas para os pés para esse acampamento, mas nem todos tinham levado e outros não se importavam muito com a situação, resultado: no terceiro dia já estavam mancando.

Chegou a vez de José entrar no mato fechado. Com o seu grupo que era de sete. Dois dos que estavam com ele, brigavam, discutiam, com os ânimos esquentados, por causa do sofrimento, José permanecia quieto, pensando na oportunidade de dormir um sono. Um caía aqui, outro lá, o tempo passou, noite adentro, sempre seguindo a mesma azimute 20. Passaram por cachoeiras, matas fechadas, mas não podiam mudar de curso, senão se perdiam ou chegariam muito tarde. Como o capitão ordenou, todos deveriam estar antes do sol nascer no local de partida, que era o mesmo estande de tiro. Já passara uma hora de caminhada e nada de aparecer o estande.

Mais meia hora e parece abrir um caminho, o grupo sai correndo e avistam um córrego, aumentam a velocidade dos passos e está lá, na frente deles, o que seria uma entrada pelos fundos do estande de tiro, todos comemoram sorrindo.

-Agora é só se apresentar ao sargento. –comenta um deles.

-Hoje vamos dormir secos, pois a chuva parou.- exclama um outro.

## Esboço Inicial

-É verdade- responde outro.

José com olhos profundos sorri, enquanto pensa. Na cama perfumada, seca, aconchegante, que deixara em casa, “ai que saudade...”.

O sargento gordo e carrancudo, põe os sete em forma, dá uma olhada para ver se não faltava nada do uniforme e manda os setes limparem o fuzil, passar pomada nos pés para depois se apresentarem.

Todos se sentam, limpam seus pés, limpam o fuzil, passam óleo, limpam o cano...

Um dos sete, sai do grupo e mergulha o fuzil que está coberto de lama no lago, enquanto o líder dos sete, coloca o grupo em forma para apresentar novamente ao sargento. Tudo deveria estar em ordem, os pés, a barba e principalmente o fuzil. E todos do grupo deveriam estar juntos e com todos os equipamentos.

-Soldado 663, apresento pelotão sem alteração! Apresenta o soldado sem ver que faltava um dos companheiros no grupo.

-Pelotão a meu comando, pelotão, Descansar!- Responde o sargento.

O sargento dá uma passada rápida no meio deles, mas observa um recruta no lago e o grupo com seis.

Aquele soldado, faz parte do grupo de vocês?- Pergunta o sargento ao líder do grupo de José.

Todos estremeçam, pois sabiam que viria castigo se algo estivesse errado e nenhum deles tinha observado a ausência do companheiro.

-Não sargento! Responde o líder.

-Guerreiro!- Chama o sargento o recruta que está na lagoa.

-Sim senhor!

-Venha aqui!

O recruta sobe o barranco que separava ele dos demais.

-Pois não senhor?

-Você faz parte desse pelotão?

-Sim senhor!- o sargento olha com olhos enfurecidos ao líder.

-Deita ali!- enquanto aponta com o dedo uma poça de lama.

O líder, deita na lama fria da noite e rola, rola...

José lacrimeja os olhos, por ver o companheiro rolando de um lado para outro na lama.

- “Hoje ele poderia dormir seco. Que falta de compaixão”, grita enfurecido o coração de José, a dor moral, de todos que presenciavam a cena chegava aos pés, por ver um deles sendo castigado. Já haviam sofrido demais e aquilo não esperavam.

Depois dos referidos castigos, o sargento ordena o líder a apresentar o pelotão novamente.

-Soldado 663, apresento o pelotão sem alteração!

-A meu comando! Pelotão... descansar!

-Abram os fuzis!- ordena o sargento.

Depois olha de um a um, o cano, as partes móveis, as roupas novamente, para ver se faltava algo. Todos esperavam apreensivos enquanto o sargento observava, tudo...

-Pelotão...sentido! ...Descansar! ...Sentido! ...Fora de forma! ...marchem!

Todos correm e vão para o mato, dormir...

José escolhe um canto, olha para o céu... e diz:

-Acho que não vai chover, vou fazer um charuto (se enrolar nas cobertas, sem fazer barraca) Tudo já está molhado mesmo... assim aproveito melhor a noite, não preciso perder esse tempo precioso.

## Esboço Inicial

Quando acorda, 6:00h, com um frio intenso e chuva no rosto... com uma tristeza tremenda, fica em silêncio, enquanto arruma a cobertura na bolsa, a mão inchada, não consegue segurar as coisas direito, depois de fechada a bolsa. Apitos e mais apitos, os militares graduados, sobem o morro embravecidos...

-Vocês, porque não levantaram ainda? Vamos, vamos...

Todos os recrutas dessem uma rampa, enlameada. Mais de 100 recrutas circulavam, arrastavam, subiam e desciam, dessa rampa, fazia 5 dias. Nos últimos já estava em péssimas condições para descer. Mas todo o cuidado era pouco, pois o fuzil tinha que estar intacto, limpo, com óleo e tudo mais...

Aquele recruta que lavava o fuzil na lagoa, escorrega e cai, com o fuzil e tudo na lama.

-Ah... -grita bravo, com muito ódio, enquanto joga o fuzil de ponta na lama.

Ninguém sorri, não tem motivos para rir, ninguém consegue mais nem pensar, muito menos rir, talvez se estivessem delirando.

Um recruta se destacou na companhia de José. Seu nome era Quaresma. Ele brincou do início ao fim da operação, mesmo nos momentos mais difíceis não deixou seu humor de lado, levantando a moral da tropa. Tocava músicas com os dedos, enquanto batia no peito. Acompanhava o som os barulhos da boca e a dança louca que inventava. Assim conquistou os comandantes.

Em outros matos os comandantes o chamavam para imitar os Graduados, junto com os demais “raros” que havia na companhia de José.

Isso diferenciava a 2ª companhia de fuzileiros das demais, os mais palhaços do quartel estavam juntos, brincavam, imitavam os comandantes, faziam piruetas, cantavam e corriam... corriam... corriam ao gosto do tenente Assis. No final do ano foram para a corrida de São Silvestre em São Paulo. José não pode ir, pois estava de guarda.

Depois dessa digressão voltamos a operação Boina Verde.

Todos os recrutas entram em forma e o comandante diz:

-Atenção Recrutas, ontem eu avisei que era para vocês realizarem a operação sem perder nada no mato e que eram para chegarem antes de amanhecer o dia. Pois isso não aconteceu, dois dos grupos de vocês perderam objetos e tiveram que voltar lá para procurar o objeto novamente. Um perdeu o fuzil enquanto desviava a sua atenção para um pé de palmito. E o outro perdeu a baioneta (acessório de ponta que vai no fuzil para lutas corpo a corpo) ao cair numa grotta.

A aflição se via estampado nos olhos de todos, pois sabiam que vinha castigo por aí.

-Enquanto eles não acharem, -continuou o capitão- vocês não receberão comida. E de agora em diante serão tratados como prisioneiros de guerra. O prisioneiro de guerra, não tem mochila, tirem a mochila! Os prisioneiros de guerra não possuem fuzil, larguem o fuzil! Os prisioneiros de guerra, são tratados como porcos e os porcos não olham para cima, todos olhando para baixo! Ninguém poderá olhar para cima, daqui a diante, só sairão daqui aqueles que conseguirem fugir.

Os sargentos põem em prática as ordens do capitão.

-Seu lixo abaixa a cabeça! Grita outro graduado.

-No aeroporto, -retoma a palavra o capitão- vai estar uma viatura que esperá vocês, são seus aliados... Vocês terão que fugir daqui, se quiserem se livrar da Boina Verde. Enquanto isso serão prisioneiros de guerra.

-Ninguém poderá erguer o rosto, todos com a cabeça encostada no chão! Andem vão lá para trás!

-Não levanta a cabeça recruta! Gritam os sargentos.

Os 200 recrutas, que agora eram prisioneiros de guerra, caminham como os quadrúpedes enquanto se dirigem para trás do estande.

-Acorda guerreiro! -grita outro sargento para um recruta.

## Esboço Inicial

O comandante toma a palavra novamente, agora atrás do estande de tiros e os recrutas todos com a cabeça no chão:

-Operação Boina Verde, primeira parte... de agora em diante começaremos a segunda parte... Recrutas levantem-se...

Todos levantam... e... surpresa...

Banda de música, faixa parabenizando os recrutas pelo final da operação. Os comandantes aplaudem... todos emocionados choram como crianças... Era o fim da Boina Verde primeira parte, a segunda parte era para os demais recrutas que ficaram no quartel...

José recusou fazer o curso de cabo, para se dedicar ao esoterismo, pois não via ligação com as duas coisas, mais uma vez estava errado. O símbolo da companhia onde serviu é “Águia Guerreira” o símbolo do mestre Rabolú é “Águia Rebelde”. A revolução, a rebeldia psicológica José trouxe do quartel, pois os instrutores do grupo onde freqüentava, passavam as conferências de uma maneira muito passiva. Lógico depois foi ver os títulos dos livros gnósticos e realmente pode entender o porque do mestre Samael, escrever “Psicologia Revolucionária” e outros temas que sim eram totalmente revolucionários, como: Revolução da consciência, auto-realização, morte do ego...

Depois desse mato, vieram outros, mas, já com outra psicologia e passaram a ser tratados como soldados e não mais como recrutas. Os dias demoravam para passar, alguns soldados anotavam dia após dia, a saída do quartel. Isso só contribuía para demorar ainda mais os dias de angústia.

Veio a primeira baixa, a segunda e nada de José se incluído aos que saíam.

Um ano depois saía do quartel, na terceira baixa.

## Esboço Inicial

Cadê o teu rosto?  
Que se fizeram de tantos recordos?  
Amor eterno  
Que busca o reflexo do meu amor...  
Que não é meu...e não é teu  
Apareces onde queres...  
Sem querer, sem nascer e sem morrer  
Sei que és eterno  
Seja lá onde apareças  
És um e és muito.  
Teu nome tem mil nomes adoráveis...  
Que transpassas no coração  
deixando-o extasiado, ansioso pelo próprio amor  
Amor, amores  
Quem será o próximo a refletir  
o novo e o velho amor  
Não nasce e não morre, para onde fores...  
leva-me junto...

Michael Aun Weor

## O AMOR

### Capítulo 5

Todo o pessoal do grupo se inquieta, é mês de Junho e como tradição no Brasil, se comemora as festas juninas, com fogueiras, pipocas, maçãs do amor, quentão, pinhão, o tradicional casamento caipira e no final ainda sobra um tempo para as danças, “arrasta pés”.

A tradicional cachaça com gengibre, conhecido como quentão, justamente para aquecer o corpo nas noites frias de inverno das festas juninas, era substituído pelo suco de uva com gengibre para não alcoolizar os participantes e lógico para acompanhar, o “pinhão”, (que é a semente do pinheiro) quase que um convidado de honra das festas juninas.

O pessoal se reúne em uma chácara afastada da cidade. Os homens vão atrás das madeiras para a fogueira, outros ajeitam a barraca, que fica encostada em um rancho, para suportar abrigo para todo o pessoal em caso de chuva. As mulheres como boas cozinheiras, preparavam os “comes e bebes”.

O sol tímido de inverno, vai se pondo no horizonte enquanto os homens se apressam em deixar tudo pronto antes do anoitecer.

As primeiras estrelas da noite surgem como que querendo participar da festa e o pessoal começa a chegar. Em todos há um ar de descontração e alegria. Todos tinham mentes afins, estudavam os mesmos temas, ainda que divergiam em pequenas particularidades.

Os participantes vestidos a moda caipira, dão um colorido especial a festa, José com um bigode feito a carvão e chapéu de palha, conversa com um e com outro, enquanto arrumam os festejos.

A festa começa e para abertura um bom casamento caipira. Todos tentam achar o melhor espaço, com a certeza de darem boas risadas.

O teatro do casório arrumado..., entram os noivos, a noiva com uns quilinhos a mais, um noivo desdentado e louco para fugir, mas seu sogro, com uma arma apontada e uma corda no pescoço dele, o ajuda a tomar a decisão certa para casar...

José sorrindo do casório, não observa que está sendo observado... a moça só tem olhos para ele e sorri quando José sorri.

A idade dos romances e da romântica Vênus começa dos quatorze anos e vai mais ou menos até os vinte e um anos de idade. Nessa fase facilmente Marte se vê rendido por Vênus.

18 anos e José não sabia o que era namorar. Sempre tímido e quieto, preferia ficar sozinho a levar um “corte” como resultado de alguma cantada mal feita.

Festa junina adentro é hora das danças. Todos brincam e se divertem na noite aconchegante de inverno. José sem par, só vê os demais dançando.

Por um instante José sente um desejo forte de dançar, olha para o lado e vê Maria, ainda uma criança para os seus olhos. Ele a puxa para o centro e começam a dançar, enquanto se misturam com os demais casais. Ela surpreendida pela atitude de José, sorri alegre, enquanto o observa. Dos olhares para os braços de José havia uma diferença enorme que ela tentava disfarçar dançando.

Os dois jovens dançam prazerosamente, em meio a alegria e descontração de todos.

Opa! Acabou a música. Começou outra e os dois resolvem dançar mais. A dança parece gostosa...

Pronto José acabou outra música, podem se separar... o quê? Ainda não? mas o que é isso... não se separam. está bem... está bem, vamos deixá-los a vontade enquanto comento um pouco sobre a região onde ocorre essa festa.

Retirado da cidade, rodeado pelas montanhas verdes da Serra do Mar. Com uma piscina natural de água gelada e repousante dá um toque todo especial a essa chácara, que é uma sociedade entre

alguns membros do movimento gnóstico. A região é subtropical úmida. Possui definida as quatro estações do ano. A temperatura varia entre os 0° C á 42°C, durante o ano. No inverno chega a gear, mas jamais cai neve. O verão é quente e pode se deliciar nas praias do litoral. A sua cidade fica na região sul do país e no norte do Estado Catarinense, está rodeada por diversas praias, que atraem turistas de todo o país e do mundo. Bom, depois desse preâmbulo, voltamos a festa junina...

Começa a terceira música e os dois não se acanham em dançar mais... termina a terceira... os dois continuam juntos... Começa a quarta música, os dois ainda junto s...

O pessoal ao redor nota que algo está acontecendo, mas os dois estão absortos aos olhares dos conhecidos.

Estamos na sexta música e eles continuam a dançar, como se o pátio fosse somente dos dois.

Há...! estava na hora, enfim param.

Os dois tomam direções diferentes.

José sai do rancho um pouco desconcertado, puxa um amigo que se encontra apoiado em um pilar do rancho e o leva para fora. Wilson, mais velho e mais maduro que ele, dá alguns conselhos.

-Você viu? Cara, estou confuso. Ela é uma criança –diz José.

-Não,... deixa de ser bobo... ela está amadurecendo... claro que dá. -responde Wilson, enquanto dá uma piscadela e sorri para José como um irmão.

-Não sei não... ela só tem 13 anos. É uma criança ainda e nem sei se ela gosta realmente de mim.

-Claro que gosta, eu conheço o jeito delas, ficam assim quando estão apaixonadas...

Agora os dois se calam enquanto Maria e uma amiga sua passeiam pela frente deles.

Os dois se olham e sorriem.

José ainda queria continuar vendo-a como uma criança. E resolve deixar as coisas como estão. Mas a verdade é que já tinha mudado, lá no seu interior, que por receio não queria admitir.

A festa termina, e todos tomam o caminho de casa. José não pensa mais no episódio. Assim passaram-se mais dois meses, enquanto o destino preparava outra situação da qual José dificilmente lograria escapar.

Maria era uma moça com bastante personalidade, amava muito e cativava demais. De baixa estatura e olhos grandes, chamava a atenção por onde passava. Ela desde os onze anos gostava de José, mas jamais tinha feito publicidade de sua paixão. Agora com o evento da festa, tudo tinha mudado. A esperança de que José acordasse de sua letargia havia aumentado...

Essa que agora é uma menina, trazia consigo todos os fatos, situações, dramas de outras épocas e de muitos passados. José ao olhá-la tentava entender de onde vinha essa sensação, pois nada do que sentia podia se amoldar ao corpo de menina que ainda conservava.

O mesmo pessoal do grupo, agora organizava um encontro na praia em uma cidade próxima. Lá fariam um caldo de peixe, enquanto se confraternizavam durante um final de semana.

Inicialmente José não queria ir à praia, mas convidado insistentemente por Maria, resolveu ir.

Ele não pensava em Maria como uma possível namorada...

Os donos da casa onde ficaria o pessoal eram parentes de Maria. José ficara alojado em uma casa ao lado da de Maria.

Outra dança, mas dessa vez José não quis arriscar nada, pois sabia que a atração pela menina poderia acabar derrubando-o, pensando assim resolveu se deitar.

## Esboço Inicial

No dia seguinte, todos os jovens que estavam nessa confraternização saíram para se divertirem. José deu a idéia de passear em uma canoa. Todos se dirigem até o local da embarcação a remo. Ele entra na canoa primeiro, Maria entra logo em seguida. Os demais olham pasmados e não se atrevem a entrar, não se sabe se por desejos deles ou da própria moça. O fato é que ninguém mais quis entrar e os dois ficaram sozinhos a olhar um para o outro. José sem jeito e sem poder tirar Maria da canoa resolve dar uma volta com ela.

Maria não se atreve a olhá-lo. José a olha e observa Maria encabulada, enquanto a canoa se distancia da margem. Sente que seu coração começa a pulsar pela moça. Mas não sabe como lhe dirigir a palavra.

José dissimulando mostrava a transparência das águas, o fundo do rio, a mata e o oceano que se apresentava gigantesco perto do rio.

Algumas aves passam raspando na água, como que querendo ouvir a conversa dos dois ou o silêncio dos dois. O sol ainda dá os seus raios, mas os dois quase não percebem nada ao redor.

-Você está apaixonada por mim? Pergunta José de supetão.

Ela responde com a cabeça. Sem poder produzir nem uma palavra. José sorri e também guarda silêncio.

O silêncio reina novamente...

Os dois resolvem namorar, ainda que escondidos, pois sabiam que os pais dela não aceitariam o namoro.

Ele para não deixá-la sem jeito, resolve mudar de assunto. Mas não demora muito no passeio.

Com receio de serem vistos com maus olhos, José volta e guarda a canoa, já com o compromisso firmado com Maria.

O namoro começava com uma fragrância perfumada, no difícil ano de recruta.

As mulheres na cozinha preparando o almoço, cortavam os tomates, os temperos e limpavam os peixes.

O caldo parece estar gostoso, mas José sem fome, sente que seu organismo reage a algum sentimento, a própria paixão começa a alimentar o seu organismo.

Os dois novos namorados trocam olhares tímidos de longe, mas não se atrevem a conversar na frente dos demais.

Após esse passeio, José se sente fisgado de vez.

Os dois se encontram no grupo. Os pais dela começam a se inquietar e chamam José para conversar. Ao não aceitar o namoro da filha eles privam a moça de ir ao grupo. José triste e apaixonado liga para ela. E os dois namoram por telefone. Um mês sem poder vê-la.

Não agüentando mais e estando ainda no quartel, José ia para o mato com o exército e sabia que na sexta-feira seria dispensado mais cedo, e já marcava com Maria um encontro escondido. Todo esse esforço contribuía para aumentar o seu sentimento.

Depois do mato, sempre mais magro e cansado, os dois se encontravam no bairro perto da casa de Maria.

Essa pequena beldade tinha o poder de tirar José de órbita. Ainda que seu corpo permanecesse no chão. Seu coração deixou de bater solitariamente. Depois de cinco meses, os dois são aceitos como namorados pelos pais dela.

A ligação com a moça era muito forte e os dois se encontravam em lugares distintos sem que definissem dia, hora e lugar.

Nitidamente José se sentia pela metade sem ela. E buscava a todo custo esse preenchimento.



Imaturo resolve entregar sua alma à moça. Esse foi o seu primeiro erro. Ela mais nova e mais experiente nas questões emocionais, segura a paixão e resolve algumas situações pela mente.

No astral José se vê perto da praia, ou dentro do mar e o oceano o intenta sugar, até a sua alma. Quase todas as noites ele é puxado pelo mar e sua luta era terrível. Mesmo fora do mar, ele se via puxado para dentro, então lutava contra, mas os sonhos não mudavam, algo estava errado.

O mar agitado simboliza a falta de domínio das paixões, mas José não só via o mar agitado, como pior ainda, o gigantesco oceano o intentava engolir com seu forte poder hipnótico.

Outro símbolo que o acompanhava nas noites antes de vê-la, era o número 15, que na cabala é a paixão, o fracasso amoroso. Mas José insistia em interpretar como paixão a ser vencida, ou roubar o fogo do diabo, mas continuando com Maria.

José com alma de águia intenta levantar vôo com sua amada, mas ela não quer voar e se afasta aos poucos, alguma coisa a impedia de levar a sua paixão adiante e a dar frutos em um lar.

Como nem todas as flores dão frutos, essa deu apenas um delicioso perfume.

A humanidade como um todo é estranha, quando se luta contra algo, contra alguma tragédia natural, é comum ver as pessoas unidas pelo esforço mútuo de minimizar o sofrimento, mas na alegria, na paz, é comum se ver divisões e lutas... e assim aconteceu com José e Maria.

9 meses de namoro, tudo dava errado. Os amigos e amigas dela queriam vê-la sem José, falseavam, inventavam situações e ela caía em desespero. E o namoro ia aos poucos se finalizando. Mas a paixão aumentava e crescia. José não tinha os dois pés no trabalho interior, queria resolver com a moça, era a sua vida em jogo. Sabia que se ela partisse, levaria consigo parte de si.

Todas as coisas indicavam que não poderia seguir aquele relacionamento, só José não via, ou não queria ver. Sem ela e sofrendo muito, José viu ela partir com seus pais para uma outra cidade. Sabia que essa mudança significava o fim do seu namoro. Sofreu, o choque foi grande.

Na última vez em que a viu fisicamente, sonhou que ela estava grávida de outro e explicava o “por que” de não ter ficado com ele, e dizia que estava arrependida e que se pudesse ela voltaria atrás.

Numa conferência no grupo, José percebeu uma indicação especial e tomou como palavras dirigidas diretamente da vontade de seu Real Ser sobre aquele namoro. O instrutor falava da conferência, e com essas palavras José entendeu o comunicado:

-Nós pensamos que temos que fazer algo, fazemos e colocamos todas as nossas forças em um objetivo, que nós mesmos traçamos. As coisas dão errado e nós pensamos que é para superar, lutar e as coisas se complicam e nós continuamos insistindo. Às vezes nosso Real Ser põem barreiras insuperáveis justamente para que paremos de fazer a nossa vontade, e assim fazer a vontade dele, que é a mais importante.

José recebeu um golpe no peito, e colocou a mão na cabeça enquanto exclamava para si mesmo:

-Como eu fui “burro”, é lógico que meu pai não quer esse namoro.

Um ano depois, o sonho de José se realizaria, ela grávida teve que casar com outro.

Anos depois José falou por telefone com ela que explicou o porque de não ter ficado com ele.

-Tive medo- disse Maria.

-Você é muito revolucionário, quer o trabalho interior, e eu tive medo de te decepcionar e não conseguir te seguir. Lembra que você me perguntou das práticas, se eu praticaria contigo e eu neguei todas? Tudo isso foi para não te iludir. Pois meu maior medo era te decepcionar. Agora estou casada e tenho uma filha. –disse Maria.

-Pois é eu sei, pena que meu sonho se concretizou. Eu fiz de tudo para tê-la a meu lado. Mas você se afastou, sem me dar uma explicação razoável...

-Eu te falei, -completou Maria- não queria te decepcionar, jamais poderia te seguir... apesar de querer ficar contigo. Nunca imaginei o quanto você representava para mim. Vamos ficar juntos?

-De que forma? Você é casada, tem uma filha. E pior de tudo é que não vejo nós juntos nessa vida e não sei se ficaremos em outra... Parece que o destino é implacável no nosso relacionamento.

Os dois conversavam, mas sabiam que agora era muito tarde para endireitar algo que o destino não quis que acontecesse.

José via Maria em astral, sempre de uma forma diferente, muito mais amável, e despertava em sobressalto com o sentimento na flor da pele. Um dia pediu 1 minuto de consciência a seu Real Ser, queria saber qual a ligação de Maria com ele no passado e o porque Deles não aceitarem a união dos dois.

Um minuto... José despertou e sentiu o que ela representava para ele, soube do passado. Ela para ele é motivo de queda, de prisão na matéria, de adormecimento da consciência. Pois sua paixão vem de antigos erros e sempre aparece em um novo cenário de uma nova existência com novos dramas, todos frutos de uma mesma origem. Como já estava levantado, seu Real Ser, jamais admitiria a união dos dois, que tivera por princípio uma terrível queda de José.

Na época em que estamos regidos pela romântica Vênus. Esse tipo de sentimentos levado ao extremo, pode-nos levar ao despertar de certos dons, se aproveitamos junto com um trabalho psíquico. Esse trabalho interior é conhecido no gnosticismo como "Morte em Marcha". Quando se sente algo que não se quer, atuando nos três cérebros: emoção, pensamento e ação, pedimos a morte daquilo à nossa Divina Mãe interior, aos poucos liberamos, virtudes que devem ser despertadas com choques, seja na vida ou em êxtases, durante a meditação.

José nesta época desenvolveu a pintura, a poesia... Esse relacionamento trouxe muito sofrimento, mas a sua vida já estava entregue a vontade de seu Pai Interior.

Depois do acontecido foi visitado no mundo astral pelo Venerável Mestre Rabolú.

José estava adormecido, mas ao ouvir a voz do V.M. Rabolú, despertou a consciência no mundo astral. Saiu em direção ao mestre, que já se colocava à sua frente. Tudo isso dentro de sua própria casa.

Começou a conjurar, para ter certeza de que era mesmo o mestre, com a conjuração Júpiter e dos sete do sábio Salomão. Na verdade, sabia que era o mestre Rabolú, mas como um bom discípulo, deveria mostrar ao mestre, que estava atento a esses detalhes.

## **CONJURAÇÃO DE JÚPITER**

*EM NOME JÚPITER PAI DOS DEUSES*

*EU TE CONJURO*

*TE VIGOS COSILIM.*

## **CONJURAÇÃO DOS SETE DO SÁBIO SALOMÃO**

*EM NOME DE MICHAEL; QUE JEOVÁ TE ORDENE E TE AFASTE DAQUI CHAVAJOTH.*

*EM NOME DE GABRIEL; QUE ADONAI TE ORDENE E TE AFASTE DAQUI BAEL.*

*EM NOME DE RAFAEL; DESAPARECE ANTE ELIEL, SANGABRIEL.*

*POR SAMAEL SABOAT E EM NOME DE ELOIM GIBOR, AFASTA-TE ANDRAMELECK.*

*POR ZACHARIEL E SACHIEL MELECK, OBEDECE ANTE ELVAH SANAGABRIL.*

*EM NOME DO ANJO ANAEL E PELAS POTENCIAS DE ADÃO E DE EVA QUE SÃO JOTH E CHAVAH, RETIRA-TE LILITH, DEIXA-NOS EM PAZ NAHEMAH.*

*PELOS SANTOS ELOHIM E EM NOME DOS GÊNIOS, CACHIEL, SEHALTIEL, AFIEL E ZARAIEL, AOS MANDATOS DE ORIFIEL RETIRA-TE MOLOCH, NÓS NÃO TE DAREMOS NOSSOS FILHOS PARA QUE OS DEVORES.*

*AMÉM.*

Terminou a conjuração, enquanto o mestre já se dirigia a entrada da casa. Sentaram no chão e começaram a conversar sobre a instituição gnóstica, sobre os participantes. O mestre atento à consciência de José, levantou do chão, e se dirigiu a cozinha que estava ao lado. Toda a casa estava escura, José acendeu a lâmpada fluorescente. A luminosidade deu brilho ao ambiente. A consciência de José brilhava como aquela lâmpada.

O mestre sentou na cabeceira da mesa. Começaram a chegar pessoas, uma professora de educação artística (símbolo vivo do dom que José acabava de receber). Agora a cozinha tinha umas 10 pessoas e José permanecia atento ao mestre. E o mestre que permanecia no recinto agora conversando com outra pessoa, atento ainda na consciência de José.

O seu primeiro triunfo, dentro de sua consciência, veio como resultado do trabalho interno e do sofrimento. Assim como provamos o ouro por meio do fogo. De nada iria adiantar sofrer se não estivesse realizando um trabalho sobre si mesmo. Não que fosse um grande trabalho de morte, mas que sim, se via diferente, com mais objetividade, na concentração, no olhar e nos resultados de suas práticas. Esse trabalho a que me refiro, é a morte do “eu” psicológico. José cristalizou a mesma quantidade de Essência que tornou livre, essa se fez consciência. Algo como que baixou um pouco a poeira, a sujeira ainda estava toda lá dentro dele e ele sabia disso. Ainda ondulava, entre a velha percepção nublada e a nova. Seu olhar se tornou mais nítido, seguro e objetivo, pois antes olhava “a árvore”, agora espontaneamente observava “as folhas”, os detalhes dos objetos. Mas ainda carregava o peso de muitos agregados, que conjuntamente chamamos de ego. Suas experiências astrais, que antes conseguia em um ano de práticas, agora conseguia em um mês. Resolveu anotar e ver por números, como ia o seu avanço.

Ainda nesse ano saiu do quartel e sem namorada se concentrou com todas as forças no esoterismo e em seu avanço interior.

Concluindo esse capítulo, diremos o seguinte:

Todos os nossos sofrimentos, quando bem aproveitados nos trazem consciência. Isso é como polir uma jóia, que é a nossa Essência, “feliz daquele na qual Deus castiga”. Para queimar o ego é necessário as crises emocionais. E isso pudemos comprovar na prática. Deus sempre acha uma maneira de colocar essas crises. A diferença é que nos tornamos mais fortes e menos desequilibrados...

A morte acompanha o iniciado em cada crise. Sempre chegamos a uma situação em que temos que escolher: Trabalhar sobre si mesmo ou se suicidar. Como não cometeremos o suicídio, não nos resta outro remédio que o trabalho psicológico. Assim vencemos a morte, aos poucos...

Sentia que uma antiga alegria lhe voltava. Essa alegria ele tinha perdido com os 13 anos de idade e daí para diante se tornou um adolescente sério, e deixou de brincar. Mas agora sentia que alguma coisa estava livre em seu interior, e isso o deixava feliz.

## Esboço Inicial

Abertura do destino  
Noite clara;  
Passadas de um firme pensar  
A alma sem rumo  
Vagueia com o pensamento induzido  
A passear aqui lá e acolá  
Em cada lugar deixo parte de mim  
Com flechas que atiro numa reta sem volta  
Todos com objetivo certo; o alvo  
Que não é meu...  
Mas para ti...

Michael Aun Weor

## O FALSO AMIGO

### Capítulo 6

Agora com os dois pés no trabalho interno, José se dedicou a trabalhar sobre si, custasse o que custasse. Sabia que para entrar na iniciação tinha que estar casado. Mas muito poderia fazer como solteiro e se dedicou a morte em marcha, como ensinavam no movimento gnóstico na nova ordem. Em recordação de si mesmo, observava todas as reações internas que se manifestavam enquanto falava com alguém, andava pelas ruas ou trabalhava. Assim tentava ficar, o maior tempo possível.

Os anos passaram e José entrou em um conselho de membros responsáveis pela direção e manutenção do grupo. As ordens do mestre Rabolú no movimento, se tornavam mais restritos, e as pessoas aos poucos iam se retirando.

Os dissabores de seu antigo namoro, ainda circulavam por sua cabeça. Aquele ano José com um pouco mais de responsabilidade nos ombros, ganhava em conhecimento burocrático.

Conheceu grupos de diferentes cidades. Todos esses grupos estavam sob dependência do grupo central, onde pertencia José.

À noite, José ao dormir, se via sempre parado em uma rua, tentava subir mas nada fazia que se adiantasse na sua caminhada. Sabia do simbolismo que estavam lhe passando. Via-se de moto, as vezes de carro, mas por mais que acelerasse, o veículo não saía do lugar. Ao acordar pensava:

-Estou estacionado, porque será? Não estou conseguindo avançar no meu caminho.

Os dias iam passando e noite após noite os mesmos sonhos se repetiam, como que querendo o advertir.

Aqui entre nós, José precisava de mais sacudidas. A sua compreensão se limitava apenas ao grupo no qual pertencia. Não conseguia ampliar sua compreensão, estava bitolado ao conhecimento gnóstico. Não conseguia ver o outro lado da moeda. O grupo dá força para as pessoas praticarem, mas ao mesmo tempo inibe o crescimento individual, pois o grupo caminha a passos lentos.

Havia aprendido muitas coisas, muito útil, mas tinha muitas teorias em sua cabeça. Essa era a maior fonte de seu conhecimento.

Apesar de colocar em prática o conhecimento que havia aprendido no grupo esotérico. Internamente não recebia informações sobre si mesmo, havia saído algumas vezes do corpo, se desdobrado no mundo mental, mas labor era pouco.

A sua jornada burocrática estava chegando ao fim. Uma vez por ano os dirigentes do grupo eram renovados. E agora faltava apenas um mês para terminar o ano como dirigente.

Mas o que era para ser comemorado, uma saída satisfeita por todos, foi um pouco menos do que uma desgraça.

O grupo era dividido em fases, A, B, B Avançada e C. Todos os dirigentes pertenciam a fase C.

Um dos membros do grupo foi retrocedido a fase A, em São Paulo e veio se queixar no grupo, assim os dirigentes inconseqüentemente enviaram para a Junta Nacional as reclamações desse membro, que também coincidiu com uma Assembléia Geral Nacional. Pronto a confusão estava armada.

A Junta Nacional, acreditando ser um complô contra ela. Veio armada, com Marte e Saturno, talvez carregados com um pouco de ira e orgulho. E retrocedeu todos os membros dirigentes a fase A, da instituição.

O golpe foi grande em todo grupo, José que só via o grupo como objetivo em sua vida, sofreu muito. Sua mente recebeu um choque intenso. Para explicar o que José sentiu nessas horas

melhor deixar que ele próprio relate o acontecido, através de uma carta que enviou a Aolí, uma moça o ajudaria a mudar sua vida radicalmente no futuro.

\* \* \*

J..., 23 de Julho de 1997.

“Oi Aolí.

*Espero que estejas bem, em boa hora Sônia te avisou sobre a carta, porque eu ficaria esperando a resposta. Receba essa mais novinha.*

*Ainda estou te devendo um quadro, gostaria de liquidar essa dívida. Aquele da coluna não está mais comigo. Esse e outros quadros troquei, ou dei para alguém. Hoje não gosto muito de ver esses quadros com colunas, porque estava um pouco influenciado por Carlos A. , (ex-membro expulso)*

*Bem! Espero que goste desse quadro, pois está livre de qualquer influência.*

*Também gostaria que viesse para minha cidade e trouxesse aquelas fotos que tiramos na casa da Sônia, ou se pudesse mandar por carta, antes melhor, desde que não esqueça de vir, avise-me antes (carta ou telefone).*

*Agora estou melhor, depois da sanção. Lembro-me bem do 1º dia em que fui trabalhar, após o retrocesso. Trabalhava sozinho, mas não conseguia parar de pensar nisso. Uma chuva de pensamentos. Parecia um peso, como se minha mente tivesse levado um choque. Senti que dei uns passos para trás em meu trabalho psicológico, mas eu precisava, é perigoso porque numa dessas pode-se ficar fora. (Nota do Autor - ele acreditava que fora da instituição estaria quase perdido) Mas quando recupera a condição de antes, sem se deixar levar pela vida, retorna de uma forma mais madura, numa oitava superior.*

*O choque é bom para cristalizar a alma, isso no começo é terrível, mas aquele que sabe aproveitar pode-se dar muito bem. Teria muito que falar sobre isso e sobre outras coisas, mas paro por aqui para que você venha.*

*Acertou o meu endereço, não estou mais morando com a Sônia e o Valdir. Consegui um lugarzinho muito bom pra mim e para minhas práticas na casa de minha mãe, minha tia saiu (morava atrás de casa) e eu mais ligeiro que os demais ocupei-o.”*

“Estou te esperando Até logo”

José.

\* \* \*

Agora novamente na fase A, José conhecia melhor e mais de perto, os novos integrantes do grupo. Com essa nova condição não podia participar das reuniões, assembléias e práticas entre os membros.

Agora sim José se via subindo em suas experiências astrais, sentia que um novo horizonte se abria. Pois o retrocesso já não parecia o fim do mundo, e começou a estudar a dualidade em tudo e em todos, inclusive no que recebia dentro da instituição.

No grupo as pessoas se mostravam cada vez mais afastados um dos outros, fruto dos novos regulamentos, muitos saiam do grupo que diminuía aos poucos.

Os dias passavam tranquilos, até que conheceu um rapaz dentro da instituição, na fase A. Esse rapaz dotado de uma sensibilidade, discutia sobre os assuntos ensinados no grupo, e tinha algumas idéias formadas através de práticas que José somente tinha chegado a conclusão com anos de estudo. E os dois se aproximaram e se tornaram amigos. Seu nome, Aldemir P.

Aldemir era uma pessoa, baixa, de pele clara, cabelos loiros, olhos azuis. Tinha uma mente tumultuada, que o confundiam ainda mais com o pouco de sensibilidade que possuía. Aldemir via espiritualmente alguma coisa e sonhava muito. Com uma imaginação fértil, criava aquilo que queria ver e falava como se fosse recordação, clarividência... José sentia que Aldemir necessitava de ajuda, parecia que sua aura estava suja e pesada. Com esse sentimento de ajudar José se tornou seu amigo dele.

Assim convidou seu novo amigo para ir à sua casa. Os dois se auto-ajudavam nas práticas. Queriam se encontrar fora do corpo, mas José não conseguia sair com facilidade, não dava certo.

Uma noite, José sentia o processo para a saída em corpo astral, seu corpo vibrava dos pés a cabeça, e batia como um grande coração, esperou mais um pouco e se levantou da cama, já fora do corpo. Chegou até a porta de seu quarto e abriu. Do quarto já se saía da casa, para fora, pois dormia em uma repartição separada da casa de sua mãe. Atravessou o umbral da porta, afastou-se alguns metros, mas sentiu que alguém o fitava atrás de si, virou e viu um rapaz. Só que esse rapaz era ele mesmo, com as mesmas características de seu corpo físico, mas com uma majestade própria de um rei. Seu Real Ser Interno, que sorrindo lhe acenava em sinal de benção. Atman assumindo a imagem de seu Bodhisatwa.

José ao passar do quarto para fora deixou a porta aberta, e seu Íntimo simbolicamente a fecha. Depois se dirigiu a um terreno ao lado de sua casa e chamou o mestre Rabolú, mas chegou um rapaz e entregou-lhe um papel, com alguma coisa escrita. José sentiu que esse rapaz queria adormecer a sua consciência tentando desviar a sua atenção para outra coisa, tirou o rapaz de sua frente, flutuou até o telhado e quis invocar Aldemir, mas seu Pai (Pai físico, provavelmente a representação de seu pai espiritual) agora no seu lado, o distraiu para que não chamasse Aldemir no astral. Saiu do telhado, pode ver algumas peculiaridades em seu corpo astral e de outros e acordou.

José que não tinha faculdades espirituais, nem conhecia aura e como se processavam os poderes internos do homem, se viu animado quando o colega disse que possuía faculdades de clarividência, ouvido mágico e se recordava das vidas passadas. Muito contente e investigador, colocou o rapaz em provas e este se pôs a falar de outras vidas, que já o conhecia, que ele (o rapaz) era um Bodhisatwa caído, etc. José achou muito interessante e quis saber quem era esse que falava do passado e de algumas recordações, que poderiam ser postos como quebra cabeça.

Passaram-se os dias e esse rapaz aumentava, aceitava o que José sugeria, dizendo: “Sim, é isso mesmo, agora me recordo, isso aconteceu...” José aceitou, mas queria comprovar o que o rapaz havia dito e o seu querer se tornou angústia e da angústia o desespero. Com grande inquietude, pois esse camarada, não só falava de si próprio mas de todo o pessoal do grupo, quis e pôs todas as forças para saber a verdade, mas nem uma luz, nem uma comprovação, estava em trevas completas e o tempo se tornava um inimigo. Cada dia que passava aumentava a angústia de querer saber a verdade. Nada, absolutamente nada foi visto por José. Pois já não se tratava de simples recordações, mas que já havia toda uma complexa história, de bodhisatwas caídos, mestres, demônios, vidas passadas...

O rapaz saiu com a história de Zanoni e que todos os conhecidos de José eram os personagens do livro e que ele lembrava de tudo. José quis saber a verdade e se pôs em prática...

Buscou... Buscou... mas não viu nada, tudo era trevas, nem uma luz. A história começou a se espalhar pelo grupo, muitas pessoas estavam envolvidas e José não conseguia ver nada internamente.

Um ano depois e nada de descobrir sobre a veracidade do que Aldemir estava falando. E o sofrimento chegava a um ponto quase insuportável. A fome espiritual pegou José de jeito. E teve que dobrar a cerviz ante as conseqüências do destino.

Esse é um perigo muito grande de se extraviar e sair do caminho, pois o estudante, cheio de inquietudes pode cair em qualquer santo fazendo milagres. A má companhia, não só o bloqueava, mas também o confundia com meias verdades ou com mentiras completas. Assim nessa situação resolveu escrever para o mestre Rabolú, coordenador geral internacional das Instituições Gnósticas da nova ordem, sobre o que estava acontecendo e este lhe respondeu assim:

*“Vou-lhe fazer uma advertência: Que se afaste o quanto antes do lado desse tipo e não escute suas mentiras cheias de vaidade e orgulho e advirta a seus companheiros que tenham muito cuidado com esse tipo, que se afaste; não escute todas as mentiras que está fazendo, porque é um elemento perigoso.”*

E depois, mais tarde respondendo a outra carta o mestre Rabolú disse textualmente o seguinte:

*“Esse amigo que lhe disse a você... esse é uma entidade que disse isso para convencer-lhe a você, enchê-lo de orgulho e levá-lo, de modo pois que, não escute suas mentiras cheias de vaidade e orgulho...”*

Esse foi o momento em que tomou a decisão de se afastar e corrigir os erros... Dirigiu-se a todos que estavam sabendo da situação, pediu desculpas e se retirou. Todos aceitaram as desculpas e José com o coração em pedaços, preferiu o silêncio. Passaram-se os dias e continuou no grupo...

Como essa vida, vemos como os estudantes estão propícios a enganar de pessoas que se acercam como marionetes de forças ocultas, que com isso intentam impedir qualquer avanço iniciático dos estudantes.

No astral um mestre o visitara. Com uma indicação especial apontou os erros e o atraso que Aldemir lhe proporcionara.

Outro sofrimento, novas angústias e sentia que os seus dias na instituição chegavam ao fim, não para desistir do conhecimento, mas para ver, tocar e apalpar por si mesmo, sem engolir conto de ninguém, todo o conhecimento que já havia aprendido com teorias e melhorar o que sabia que era verdade.

Resolveu depois desse conflito interno, patrocinado por uma pessoa, que foi considerada uma entidade pelos mestres, “zerar” todo o conhecimento. Partiu do zero novamente, desconfiou de tudo e a medida que comprovava, formulava suas próprias conclusões.

Resolveu rever com comprovações diretas sobre os mestres, Rabolú e Samael, se realmente eles eram mestres. Queria ver se existia o kundalini, o caminho iniciático e a veracidade de quase todo o conhecimento gnóstico. Ele preferiu a prática e a comprovação direta do conhecimento, para não cair em contos de ninguém. Ver, ouvir diretamente, receber a sabedoria na fonte que está muito além da mente e dos sentimentos humano. Queria encontrar-se dentro dele mesmo e fazer a vontade do Pai. Não queria mais acreditar assim por que sim nas simples crenças ou nas teorias mais complexas. Mesmo sendo experiências dos mestres relatadas nos livros, para ele, aquilo era algo lido e não visto. Mesmo sentindo que esse conhecimento era verdadeiro, necessitava da comprovação direta e para isso necessitava levar à praticar tudo que havia aprendido no grupo.



## Esboço Iniciático

A tempestade cessa, com um estupendo e pavoroso trovão  
Estremecem campos e doces vales.  
A chuva, incessante lágrima da natureza  
agora é um belo orvalho...umidade e vida;  
que o sol extrai de sua natureza...  
a sua bela e inefável natureza.

A pequena lágrima, delinea o contorno verde  
e aprazível das plantas;  
E a luz entra mais uma vez nos bosques mais profundos...

Já é possível ouvi-la...  
A Bendita e Silenciosa Mãe do Mundo...  
O poeta ouve sua voz, no silencioso pulsar, na rubra natureza.

O Sol, qual um Deus indecifrável...  
permanece fixo e imutável em sua própria rotação...  
enquanto os homens em suas trevas  
Trovejam e relampagueiam;  
Não compreendem que enquanto descansam fecham os olhos...  
e quando dão as costas à luz, não vêem mais do que a sua própria sombra.

Michael Aun Weor

## A CAMINHO

### Capítulo 7

Com lágrimas em seu dolorido coração, passou seus últimos momentos no grupo. Ainda na instituição sentia que algo lhe faltara, alguma coisa ainda estava por suceder, enquanto os seus dias no grupo chegavam ao fim.

Foi quando por ordem nacional, os grupos de cidades vizinhas em reunião, atualizaram seus temários de conferência.

Assim entrou em contato com pessoas de cidades vizinhas, que conhecia de vista. Entre os quais uma moça que tinha sentido bastante simpatia ao vê-la pela primeira vez. A mesma que recebeu a carta de José, que transcrevemos no livro. A familiaridade dos dois foi tão grande, que quando se viram, se olharam e sorriram como velhos amigos.

No primeiro dia ao revê-la teve uma experiência no mundo astral, na qual a demonstrava como sua esposa. Aquela que ele deveria seguir, para entrar no caminho iniciático, aquela que forte e guerreira pode levantar o homem do lodo da terra.

Em astral viu uma serpente que vinha em sua direção, enorme, se aproximou dele. José sabendo do seu significado. Deitou em um colchão que estava no chão, se cobriu com um acolchoado e a serpente passou por cima do seu corpo, seguindo a coluna vertebral, do cóccix até a cabeça. A serpente passou e ele sabia que a serpente tinha mais ou menos 2 metros. No outro dia reviu Aolí, soube que ela estava em seu caminho, para ser sua esposa. Os dois começaram a conversar e se sentaram juntos, enquanto assistiam as reuniões. Da amizade florida, passou rapidamente ao namoro.

Com o coração compungido dos últimos sofrimentos, achou um bálsamo precioso para secar as lágrimas de seu dolorido coração. Os dois namoraram e em pouco tempo, noivaram e casaram. Deixaram a instituição, a sua irmã Cristina, a mesma que encaminhou José no Movimento Gnóstico chorou sem saber o porque dele se retirar do grupo. E partiu para uma nova vida e com esperança de poder começar finalmente o caminho iniciático.

Sua esposa engravidou e tiveram que morar pagando aluguel. Apesar da mudança radical em sua vida, sabia que com ela, estava também a sua vida. Era o tudo ou o nada e tinha que ser sincero consigo mesmo. Mesmo com todas as responsabilidades da vida diária. Pôs-se a trabalhar sobre si mesmo, não queria perder mais uma vida, com antigas andanças, em que a nada conduziam.

Sua vida como casado, também o ensinaria através do sofrimento. Ela professora e ele desempregado, fazendo “bicos”. Pintava faixas para publicidade. O dinheiro que recebia, pouco contribuía. O filho estava por nascer, o dinheiro já tinha acabado. Restavam apenas 2 reais, (1 dólar) para passar 15 dias. Nem isso tirava a sua dedicação para as coisas espirituais. E sua fé em Deus Pai, seu Íntimo era muito forte, sabia que tudo se resolveria.

Nessa situação, sem dinheiro e uma parte do próximo salário gasto. Foi visitado por um casal, que jamais tinha ido à sua casa. Era um dos conhecidos de sua esposa. Sem manifestar os seus problemas, nem para os seus próprios familiares, recebeu os visitantes, com toda a naturalidade. Sabia que Deus dava tudo, os problemas e também dava as soluções. Se a vida deixasse de ter problemas, nossa existência não teria o direito de se comparar a uma escola. José confiava em seu Íntimo, igual um filho acredita em seu pai.

-Entre Sr Laércio..., tudo bem como estão?

-Bem, obrigado José,- responderam os visitantes.

-Sentem-se, fiquem à vontade.

Os visitantes sentaram-se e começaram a conversar sobre o filho que estava por nascer.

-Vocês estão precisando alguma coisa para o neném? Perguntou o Sr Laércio.

-Olha, quase nada, ganhamos a banheira, algumas roupas, falta pouco para o enxoval do Marcelo respondeu Aolí.

O casal visitante, trocou os olhares, enquanto o Sr. Laércio tirava algo da carteira.

Escreveu, parecia um talão de cheque. “Deve ser uns 10 reais”, pensou José.

-Para vocês comprarem o que falta para o neném- disse o Sr. Laércio, enquanto entregava um cheque no valor de 100 reais nas mãos de Aolí, que já sentia os seus olhos lacrimejarem.

Esse dinheiro, não só foi usado para o neném, como também para a mamãe do neném e para o papai do neném. Assim, a “trancos e barrancos”, o neném nasceu e jamais faltou uma fralda para ele, muito menos comida.

José com toda a responsabilidade, que a vida nos dá, com filho, família, deveria deixar o espiritualismo de lado e se preocupar com a vida, em comprar uma casa, arranjar um bom emprego, certo? Errado, José era o mesmo, tudo que queria em sua vida era o despertar da consciência e encarnar o Íntimo, mas sofria demais com as inquietudes. Pois sua busca era subjetiva, não tinha as faculdades objetivas do ser. Anelava as respostas instantâneas, sem que a mente fizesse partícipe da mesma. Aolí esotérica entendia o processo de José.

A fome espiritual era insaciável, continuava a sua busca e tinha necessidade de despertar, de ver, de ouvir, de saber... e sua vida passava, do trabalho para a sua casa e da casa para a biblioteca. Aolí dizia:

-Prefiro a fome espiritual do que a luz artificial.

Mas a angústia era grande, queria mesmo o despertar, queria muito encarnar o Íntimo para poder buscar seu próprio alimento espiritual. Estava cansado de ter que perguntar as coisas em vez de ir à própria fonte. A sua vida esotérica sempre teve como objetivo o despertar da consciência, mesmo que lhe custasse a vida.

Nessa época ele teve uma experiência no mundo astral que explicava exatamente o que estava acontecendo:

Estava fugindo de pessoas que o perseguiam (atribuições, dificuldades) e resolveu se esconder em sua própria casa (se interiorizou). Flutuava acima das pessoas (representando uma compreensão acima do nível comum das pessoas). E encontrou uma mãe (a sua própria) e um filho (ele próprio). Ambos sentados diante de uma mesa, havia 2 cartas de baralho, entre as muitas cartas que já tinham sido descartadas. Nessas cartas estava o futuro de José.

Nas duas cartas, uma tinha desenhos de alimentos (alimentos da alma) e a outra carta o desenho de um Rei (o Reinado, o Íntimo). Esse rapaz queria muito o “Reinado” (encarnar o Íntimo). Era o mesmo que José queria, mas ali ele estava como que vendo o próprio problema por fora. E José sentiu que a carta necessária para o rapaz (que simbolizava ele mesmo) era a que continha o alimento. E pegou a carta que continha o alimento e disse enquanto mostrava:

-Essa é a carta para ele. –mostrou a carta enquanto olhava para a mãe e filho. Isso significava primeiro o “Alimento”, depois o “Reinado”. E acordou.

Assim viu, do ponto de vista do próprio Ser o que ele estava precisando primeiro naquele momento.

E o alimento chegou, a angústia e a fome espiritual, foram saciadas.

Descobriu quem ele era, o seu nome Interno, o nome interno da sua esposa, quem ele foi no passado e a missão que seu Íntimo deve cumprir no presente. Comprovou a maestria dos Veneráveis Mestres Rabolú e Samael. E viu a gigantesca hierarquia deles, comparada com outros iniciados contemporâneos. Também comprovou sobre a iniciação, sobre o kundalini, a meditação... Comprovou que temos a Divina Mãe e é Ela a que cuida de nos limpar, de tirar os nossos defeitos. Viu internamente

que já pertencia aos mistérios menores, assim dispensava a prova do guardião do Umbral, para ingressar no caminho iniciático. Por essa época pertencia a 9º Iniciação de Mistérios Menores.

Também viu internamente no mundo astral uma espiral de cobre, que simbolizava a coluna, e na base dessa espiral quente, queimava o tecido onde fazia contato...

-É uma entidade que está aí! -disse seu Pai deitado numa cama do seu quarto, simbolizando seu Real Ser Íntimo no seu coração.

Intui que era a luxúria e viu como a Divina Mãe poderia atuar nesse caso.

Sua coluna possuía por um ego, o eu da luxúria e isso queimava com os instintos o órgão sexual, induzindo-o a fornicar e a desfrutar dos prazeres da carne. Com o símbolo da magia sexual em sua mão, expulsou a entidade da espiral de cobre, que agora sem rumo, andava invisível dentro da sua casa. De frente com a entidade (ego) ele disse:

-Aqui não é seu mundo! -depois acordou, meio que assustado.

Assim faz o ego, é um demônio que se apossa, dos órgãos e dos centros do corpo, nos trazendo enfermidades e desequilíbrios psicológicos.

Isso nos lembra os antigos curandeiros, que para curarem um enfermo primeiro expulsavam os demônios.

A magia sexual, antiqüíssima prática hermeticamente fechada a círculos iniciáticos, agora na era de aquário, estava difundida a todas as pessoas e José sabendo da prática, se pôs a trabalhar para despertar o Kundalini. Enfrentou muitos problemas com a parte sexual, pois não conseguia reter a energia sexual, o fluxo natural do sêmen, estava enraizado em sua natureza. A magia sexual se tornava árdua e difícil. Como trabalhava psicologicamente, conseguiu polarizar positivamente a energia sexual...

Nas pessoas comuns e correntes, a energia sexual, não serve para a transmutação, pois seu hidrogênio é muito pesado. Cada centro do nosso corpo, emocional, instintivo, motor, intelectual e sexual, possuem energias diferentes uma das outras. Assim cada centro tem a sua própria energia para atuar. A mente com a energia do centro sexual, se põem em intensa atividade. O centro sexual ao contrário com a energia da mente trabalha pesado e com um hidrogênio fora das suas características. Um centro roubando do outro para atuar em uma pessoa desequilibrada, impossibilita a transmutação sexual.

Assim José livre das preocupações do dia-a-dia, trabalhou com o intelectual, com a energia própria do intelecto. Trabalhou com a energia própria do centro emocional, sem abusar, sem desequilíbrio... Assim todos os centros, se equilibraram e pode trabalhar com a energia mais poderosa e sutil da máquina humana, o Centro Sexual.

José que é um amante do futebol, por essa época ficou quatro anos sem jogar, não porque não quis, mas por não tido a oportunidade de jogar. Mas observando o momento, de maneira nenhuma poderia jogar, pois o Kundalini necessita de energia e mal sobra para outras atividades. Assim as pessoas que queiram despertar o kundalini, deverão pensar e refletir nisso, antes de fazer alguma atividade desgastante.

A conexão sexual produz fogo, que geralmente é mal gasto com a manifestação da luxúria... É precisamente roubar o fogo do diabo o que devemos fazer... usar o fogo para despertar o kundalini e não para alimentar a luxúria. Esse fogo subindo de vértebra em vértebra, levanta o kundalini, tão corretamente simbolizado por uma serpente.

A energia tem que estar no ponto certo para se transmutar. Há que se refinar a energia. Com pensamentos, sentimentos e atitudes conscientes, vibram positivamente em todos os centros humanos, deixando todas as energias sutis, leves, equilibradas. A aura da pessoa, se limpa e com a correta função sexual pode-se despertar o kundalini.

## Esboço Iniciático

Quem conhece os outros é inteligente.  
Quem conhece a si mesmo é sábio.  
Quem vence os outros é forte.  
Quem vence a si mesmo é poderoso.  
Quem se faz valer tem força de vontade.  
Quem é auto-suficiente é rico.  
Quem não perde o seu lugar é estável.  
Quem mesmo na morte não perece, esse vive.

Quem conhece os outros é inteligente.  
Quem conhece a si mesmo é iluminado.  
Quem vence os outros é forte.  
Quem vence a si mesmo é invencível.  
Quem sabe estar satisfeito é rico.  
Quem segue seu caminho é inabalável.  
Quem permanece em seu lugar perdura.  
Quem morre sem deixar de ser, conquistou a imortalidade.

Tao Te King

## OS SONHOS

### Capítulo 8

Os sonhos são simbólicos. Todo e qualquer sonho guarda algum significado próprio e quase que particular para cada pessoa. Podemos até criar símbolos para certos eventos, objetos ou pessoas, desde que sugestionamos o subconsciente.

Como já disse em capítulos anteriores, quando nós dormimos saímos do corpo físico em corpo astral. A maioria das pessoas sai inconsciente, dormindo como sonâmbulos. Os símbolos oníricos têm os seus significados mesmo que a pessoa esteja inconsciente no mundo astral, porque quem atua é o subconsciente. Os símbolos variam conforme o dia-a-dia da pessoa.

Existem muitos tipos de sonhos, os mais comuns são os sonhos que se realizam no dia seguinte. Com o estudo particular dos sonhos podemos descobrir a nossa própria linguagem. Na linhagem gnóstica, dentro do esoterismo temos símbolos universais, que podem ser aplicados para todas as pessoas. Como por exemplo a água está relacionado com a energia sexual, com a saúde, com o mundo físico e até com o Universo. Para saber por onde se situar nos símbolos que a água tem, temos que ver de onde é essa água.

Alguns exemplos da água:

MAR – Paixão, se o mar está agitado é falta de domínio da paixão. Se estiver calmo simboliza o domínio da paixão.

ÁGUA SUJA – Enfermidade, doença. Pode ser de uma poça de lama, ou de um rio, ou ainda da torneira...

CHUVA – Tristeza, se estamos protegidos da chuva, também estaremos protegidos emocionalmente ou fisicamente de algum evento triste.

LAGOA – Mundo físico, estar com o pé na lagoa é o corpo físico no mundo físico.

JOGAR PEDRA NA ÁGUA – Perder algum importante processo iniciático, por amor a humanidade, para resgatar mais adiante.

Outros exemplos clássicos:

TOURO NEGRO - Ira.

TOURO BRANCO – Venerável Mestre.

POMBA – Espírito Santo.

SERPENTE – Símbolo sexual.

CASA – corpo. Ver a cor para identificar qual corpo.

CARRO – corpo. Ver a cor para identificar qual corpo.

BICICLETA – corpo. Ver a cor para identificar qual corpo.

DEFECAR – Ajuda monetária.

PAIS – Geralmente representando os nossos pais internos.

O importante é ter “jogo de cintura”, intuitivamente podemos saber o que significa tal ou qual símbolo. Não podemos ficar petrificados em um símbolo, pois o mesmo, com alguma característica diferente pode simbolizar algo totalmente diferente. Um simples braço direito trocado pelo braço esquerdo, muda todo o simbolismo.

E as vezes símbolos diferentes podem representar a mesma coisa. Então esses tópicos que servem apenas para dar uma noção de como se deve entender essa simbologia.

Estando consciente em astral os símbolos nos chegam da mesma forma. E como se está consciente pode-se entender a simbologia mesmo antes de acordar. Essa é uma das vantagens de se estar consciente.

Quando algum adormecido recebe um grau esotérico, este lhe chega através de símbolos, como se fosse um sonho qualquer. Se a pessoa nessa condição não se atém ao símbolo, ou não entende passa despercebido o processo nos mundos superiores. Já uma pessoa com consciência desperta vê o fato tal como ele é. Sem nenhum filtro onírico. A simbologia é a linguagem dos mundos superiores. O Íntimo ao ordenar ou passar alguma informação para sua alma, que está encarnada no mundo físico, vê a sua mensagem se cristalizar por meios de símbolos no astral.

Outro fator também que acontecesse no astral é que o fato lá passa pelo mesmo efeito que uma imagem passa ao chegar na nossa vista. Como as situações da vida se originam nos mundos superiores para depois se cristalizarem aqui, elas sofrem esse resultado anteriormente citado.

Uma amargura está para nos chegar. No astral isso passa a ser simbolizado pela doçura, bolo, bala, pirulito... e aqui volta a amargura novamente. Isso se dá principalmente aos fatos, não as revelações esotéricas.

O que acontece com uma pessoa que o chamam de Jesus nos mundos superiores? Com certeza é que vai sofrer, sem dúvida nenhuma, com traições, insultos, um verdadeiro drama...

Basicamente os símbolos que nos chegam pelo mundo astral, seja por um desdobramento astral, ou por sonhos são as fontes mais importantes que nos induzem ao auto-conhecimento. A maioria das comprovações e ensinamentos recebemos no mundo astral.

Por isso a importância de se tornar consciente nessa dimensão. Podemos induzir o despertar da consciência nessa região, nos fazendo, a todo instante diante de qualquer situação nova, uma pergunta para nos deixar com dúvidas realmente: “Estarei no mundo físico ou no mundo astral?” Depois puxamos o dedo com a intenção real de esticar. Podemos ainda depois disso dar um salto, para ver se flutuamos. Se alguma coisa estranha acontecer, se o dedo esticar ou se flutuamos é porque estamos fora do corpo físico. Mas essa prática temos que fazê-la com uma dúvida real, de se estar no mundo físico ou no mundo astral, pois como o nosso subconsciente repete as coisas que fazemos aqui em nosso dia-a-dia, no astral ele nos induzirá a fazer o mesmo e então podemos despertar a consciência.

Para ilustrar essas linhas vamos a seguir relatar algumas experiências de José ao estar adormecido no astral.

As hierarquias induzem o estudante a despertar a consciência no mundo astral, de diversas formas...

.....  
José andava pelas ruas, resolveu entrar em uma casa, viu suas pinturas na parede, observou algumas de cabeça para baixo, continuou a andar sem se deter, encontrou um irmão seu que começou a perseguí-lo e querer pegá-lo. Entrou na casa novamente, passou pela sala entrou no quarto e seu irmão foi atrás, entrou em outra repartição da casa, deu volta em umas estantes de livro e ficou sem saída, seu irmão se aproximou, aproximou... José ao ver que a janela estava aberta pulou... da janela até o chão teria uns 100 metros, mas José não caiu, flutuou enquanto observava a cidade lá em baixo e o alvorecer do dia, flutuava deliciosamente pelo ar, enquanto o sereno da manhã acariciava o seu rosto...

.....  
O instrutor dava uma conferência com ar de seriedade e de autoridade, mas de repente este começa a brincar e a dançar, José ao ver a cena incomum fisicamente desperta a consciência no astral e sai da sala flutuando...

.....  
Todos os irmãos e familiares de José conversam na sala, discutem o assunto do dia, as crianças correm pelo meio da casa, todos aparentemente no mundo físico, sem sombra de dúvidas... De

## Esboço Inicial

repente aparece na porta um falecido, alguém que já não possuía mais corpo físico... José ao vê-lo desperta a consciência, sorri e diz para todos na sala:

-Atenção pessoal, todos nós estamos fora do corpo, estamos no mundo astral e nossos corpos físicos estão agora deitados nas camas.

O riso na casa foi geral, ninguém deu importância à advertência de José, todos acreditavam que ele estava brincando inclusive o morto...

.....  
José em sua antiga firma, onde havia trabalhado ouve os latidos de seu cachorro. Mas alguma coisa está estranha, a sua casa fica no outro lado da cidade, como poderia estar ouvindo o cão? Depois dessa reflexão entende que está no mundo astral. Sai flutuando em direção ao centro da cidade... Chegando lá todos os transites, andam com andar apressados, todos acreditam que estão no mundo físico. José pára na calçada e pára um dos pedestres.

-Amigo! Você está dormindo, você está fora do seu corpo, está sonhando...

O bom homem olha José como quem não está entendendo.

-Veja se você pode fazer isso no mundo físico! Diz José enquanto estica os seus dedos.

Outras pessoas param e já se encontram umas 20 pessoas ao redor de José. Escutando-o e vendo as suas proezas.

-Esse cara está louco isso é tudo mentira. –diz uma mulher enquanto se aproxima.

-Senhora... por acaso a senhora pode fazer isso no seu dia a dia?

José levanta a mão esquerda e passa a mão direita por dentro da esquerda desde o início dos dedos até o cotovelo, deixando o braço esquerdo dividido em dois. Depois José tira a mão de dentro do braço esquerdo e este se junta delicadamente do cotovelo até a mão como que por encanto, ficando sem nenhum dano.

Ela olhou e acreditou em José, depois José tenta voar com ela, mas ela não consegue sair do chão...



## Esboço Inicial

O mesmo que o bem e a virtude,  
o pecado e o mal  
só podem dar-se na vigília.  
Quem dorme, dorme;  
Para o adormecido não há pecado,  
como não há bem,  
nem há virtude,  
há somente sono.

---

Pois seus testículos haverão comido a comida do sol  
e seu sêmen não será sêmen de carne unicamente,  
mas sim sêmen do Espírito de Regeneração  
e não arrojará o Espírito fora de si  
quando arroje seu sêmen.  
Porque não haverá fornicção nele  
e seu um, seu dois e seu três serão realmente castos  
e seu sexo estará ascendido de pureza.  
Será sexo, não mais.

---

Descrições do mestre Judas no livro  
“O vôo da serpente emplumada” de (Armando Cosani).

## O DESENVOLVIMENTO INTERNO

### Capítulo 9

A água é o habitáculo do fogo. Sem água não se tem fogo. Assim se derramamos o sêmen, perdemos o fogo sexual. Necessitamos transmutar o fogo. Utilizar a energia sexual para despertar o kundalini. A essência do fogo sexual é o que faz o Kundalini despertar, utilizando essa essência puramente, se está trabalhando seriamente com a magia sexual. Assim dessa forma seu sexo será sexo puro, livre dos desejos e da mente, não importando o que se faz da água. A água como já disse é o habitáculo do fogo, derramando a água perde-se o fogo, utilizando o fogo, pouco importa o que se faz da água. Naturalmente o corpo absorve sublimando em vapores.

No kundalini está a diferença dos mistérios menores e os mistérios maiores. Quando por meio da união sexual, entre homem e mulher devidamente constituídos, se produz o choque magnético no cóccix, fazendo com que a divina e terrível serpente do Kundalini saia de sua letargia, dizemos esotericamente que “Despertou o fogo sagrado”, ou “despertou o Kundalini”. Despertar não é ascender. Quando se desperta a serpente sagrada, dá início ao caminho iniciático, aos mistérios maiores das iniciações de fogo. As 33 vértebras da coluna devem ser conquistadas com a transmutação sexual. De vértebra em vértebra, a medida que o fogo do kundalini avança, abre os canais, intensifica os chacras e revigora o corpo. Cada vértebra implica em provas e condições morais a serem conquistadas pelos estudantes.

Os 33 escalões da iniciação se abrem para a passagem triunfal da serpente sagrada no estudante que acaba de despertar o Kundalini.

José, que agora casado, se pôs a trabalhar, psicologicamente e sexualmente, para entrar na iniciação. Quando sua serpente sagrada, enroscada no cóccix, despertou para iniciar sua marcha até o cérebro, mais precisamente no entrecenho sentiu as seis sensações que todas as pessoas sentem ao despertar o Kundalini, citadas pelo mestre Samael, em sua obra intitulada “As Três Montanhas”. Que textualmente são as seguintes:

*“Quando a serpente sexual desperta para iniciar sua marcha para dentro e para cima, passamos por seis experiências místicas transcendentais que podemos e devemos definir claramente com seis termos sânscrito assim:*

*ANANDA: Certa dita espiritual.*

*KAMPAN: Hipersensibilidade de tipo elétrico e psíquico.*

*UTTAHAN: Progressivo aumento AUTO-CONSCIENTIVO; desdobramentos astrais; experiências místicas transcendentais nos mundos superiores, etc.*

*GHURNI: Intensos Anelos Divinais.*

*MURCHA: Estados de lassitude, relaxamento de músculos e nervos de forma muito natural e espontânea durante a meditação.*

*NIDRA: Algum modo específico de sono que, combinado com a meditação interior profunda, vem a converter-se em Shamadi resplandecente (êxtase).*

E despertou o Kundalini. Os seus canais já estavam abertos, conhecidos como Ida e Pingalá. Nesses canais devem subir os vapores sexuais, que é uma mescla do fogo com a água, mas estavam sujos e necessitavam da poderosa energia do Kundalini, para limpá-los e avançar no caminho Iniciático.

O Kundalini é uma terceira força entre os dois canais ou orifícios. Por um canal semifísico e semietérico sobe o Kundalini, que é uma força sexual transmutada, muito superior a força do pensamento, do sentimento, ou qualquer energia que percorre dentro do corpo humano.

Muitas pessoas acreditam que podem despertar o kundalini por meio de respirações, ou por concentração no cóccix sem a magia sexual. Perdem o tempo. O Kundalini é uma força sexual, capaz de nos transformar radicalmente. É o resultado da ação de duas forças, o homem e a mulher unidos sexualmente.

Quando despertou o Kundalini, sentiu uma intensa força debaixo do cóccix e não tinha posição na cama na hora de dormir. Necessitava que sua esposa Aolí o massageasse.

Essa energia se não massageia causa um incômodo, como que uma corrente estática, por isso a massagem na coluna vertebral, para fazer circular essa corrente elétrica, para dentro e para cima.

Nesta época, José não tomou conhecimento que estava despertando o Kundalini, se via internamente dentro da Igreja de Gabriel, mas como não tinha consciência, esse evento passou sem que soubesse o que estava acontecendo.

No astral sabia, mas não passava essa informação ao cérebro físico. Viu em sua cintura uma pequena espada, de bainha branca, com estranhos caracteres e seu nome interno gravado no cabo da mesma.

Fez todo o percurso, desde o início de seus estudos esotéricos, os problemas e enganos que enfrentou, o falso amigo, em que o mestre Rabolú o advertiu, o seu casamento, até aquele evento em que despertava o Kundalini e que José ainda assim não sabia. Esse foi o momento em que recebeu o alimento que haviam mostrado-lhe através de uma carta de baralho, com desenhos de alimento.

A serpente sagrada subia de vértebra em vértebra e quando chegou no segundo chacra, representado pela igreja de Esmirna, ficou estancado por um tempo, até que passasse em uma prova.

Nos mundos internos, muitos iniciados estavam estancados faltando dar a nota em um processo psicológico. E José era um deles. Várias provas foram aplicadas, mas poucos iniciados passavam. O kundalini exige maturidade do estudante, disciplina e são aplicadas muitas provas nesse ponto diretamente direcionado à luxúria e à paixão sexual, para poder abrir a segunda Igreja de Esmirna. Fisicamente, o iniciado se vê aparentemente mal e com muitos fluidos sexuais. Chegou mais uma prova e todos daquele grau, aguardavam sentados os resultados enquanto o mestre não chegava.

Como o tempo no mundo astral é relativo. Todos os iniciados esperam o mestre chegar, não se sabe quando, mas sabem que ele vem. O tempo parece não passar mais, e tem estudantes iniciados sentados aqui e outros lá... Alguns com um pouco de impaciência se levantam e sentam em outro banco. Até que o mestre aparece na porta. Todos fazem silêncio, enquanto observam ele se aproximar. O mestre se posiciona na frente de todos, olha as suas anotações e diz:

-De todos vocês, o único que passou foi ele (apontando para José).

O mestre contente com o resultado chama José em particular e mostra-lhe o que tinha acontecido e como José tinha passado nessa prova.

-Vou te dar nota 7... não... você foi muito bem, vou ter dar 8, isso 8. Aqui está, você passou raspando é o mínimo que se exige. E aqui (mostrou no papel) é o máximo que se pode passar, (para um ser com consciência desperta).

O resultado da nota é simbólico, com ela podemos saber que tipo de prova foi aplicada aos estudantes iniciados. 7 mais 8 que é igual a 15, que é o diabo, a paixão dos arcanos maiores, uma prova relacionada com a luxúria.

E o kundalini avançou, sem que fisicamente ele soubesse. Sabia que estava acontecendo algo estranho, mas não sabia o que era exatamente.

A lei maior do arcano é a simplicidade, quanto mais simples e puro a relação sexual mais apto o casal está para a transmutação. Não se necessita de posições especiais, nem de velas acesas, nem de misticismo estúpido. Apenas sexo e amor.

Quando o kundalini estava para chegar na região do umbigo no chacra do plexo solar, sentiu sono e foi se deitar. E viu uma onda gigantesca se aproximar, (representando a onda de energia do kundalini) pulou junto com a onda até alcançar a crista e ficou entre passar por ela ou cair de costas. E foi isso o que aconteceu, caiu de costas e a onda bateu em sua barriga, na região do plexo solar produzindo uma grande quantidade de energia. A energia aumentava, passou de suportável, para uma dor, de tão intensa, enquanto a onda batia em sua barriga. Voltou ao corpo e viu clarivamente o chacra do plexo solar rodando rapidamente como que uma flor de lótus de um amarelo solar intenso. E aquela energia que estava concentrada na região do umbigo passou por todo o corpo. O chacra estava desperto. O kundalini havia chegado na região do umbigo.

Nessa época em que levantava o kundalini José se sentia débil e fraco, quase não sentia calor em seu corpo, pois as suas energias iam grande parte para o Kundalini. Isso parece contrariar os ensinamentos gnósticos, mas não podemos fugir da realidade. O kundalini sobe, e para subir necessita de energia, de força, e essa força sai de nós mesmos.

O kundalini somente enche de força o corpo quando este chega na cabeça, é neste ponto que cria uma aura que protege o iniciado. Internamente se via perto do despertar e que estava em um processo anterior a esse despertar, em que a pessoa se vê mal, sem energias. E os demais o perseguem e o insultam.

Resolveu tirar uma foto de seu corpo etérico, ou da vitalidade do seu corpo e o dono da máquina se assustou, estava escura, quase apagada. O rapaz que se encarregava de revelar a fotografia, achou que tinha queimado. E até deixou de revelar uma foto pensando desta forma.

Para se chegar a homem autêntico, primeiro tem que se tornar um homem de barro. E desse barro, que é a matéria prima da Grande Obra, se cozinha ao Sol e se torna um Homem Autêntico. Primeiro se baixa, para poder subir. Via-se perseguido por entidades astrais. Que por uma e outra vez, logravam sugar sua energia vital, deixando-o mais debilitado ainda.

Nos mundos internos foram oferecidos a José alguns poderes, pelo esforço e resultado do trabalho aqui desenvolvido. Mas como tinha conhecimento de um amigo, que movido por suas inquietudes havia aceitado o poder do ouvido mágico e que com isso passou muitas noites sem dormir, por ouvir os subconsciente de um e de outro falando, nas horas em que estava dormindo e nas horas que estava acordando. Para depois ouvir durante o dia todo. Resolveu não mexer com os poderes até que estivesse mais preparado, com mais condições de suportar as conseqüências de uma faculdade psíquica, estando sem preparo. Esse era o José dos mundos internos, pois a tosca personalidade física, claro que queria os poderes. Mas como não sabia direito o que estava acontecendo, muito menos porque tinha recusado a faculdade no astral... optou em continuar praticando, para despertar a consciência.

O kundalini mantinha o seu o rumo de vértebra em vértebra até o chacra cardíaco. Mas algo acontece, uma vela se apaga, o kundalini baixa uma vértebra e José acostado e triste nos mundos internos, medita na falta que acaba de fazer fisicamente. O diabo rouba o fogo, a luxúria ganha uma batalha. Aqui fisicamente, não se dá conta da falta. Ainda não sabia que o kundalini estava desperto.

“O discípulo que se deixa cair tem que lutar muitíssimo para recuperar o perdido”. Assim estava escrito e com José não foi diferente. A magia sexual continuava. Não suspeitava dos seus triunfos, nem das suas perdas. Todos os graus e iniciações quem as recebe é o Íntimo. Pois a Alma se tem e Espírito se é. O Íntimo É e nos somos derivados Dele, somos sua Alma. Essa vértebra custou mais de 1 mês de trabalho. Após recuperá-la continuou seu trabalho.

A serpente do Kundalini, avançou para dentro e para cima e encheu o coração de ouro. Viu internamente o seu quarto (coração) bagunçado, e que agora em diante esse quarto não seria mais da

bagunça, mas o quarto seria do arcanjo Michael. Regente atômico do coração. Seu coração se encheria de ouro, símbolo da transmutação sexual.

Quando a serpente sagrada estava para chegar na laringe, José tomou consciência de seu Kundalini, ninguém lhe disse, ele em astral já o sabia, apenas trouxe a recordação para o cérebro físico. Sabia do seu Kundalini e de um outro conhecido, que também adormecido somente suspeitava dessa condição. Como tinha anotado todas as suas experiências, foi fácil de perceber que já estava recebendo essas informações através dos anos e pode assim entender todas as experiências relacionadas com o Kundalini que havia recebido.

Em uma oportunidade no astral, visitou uma pessoa que o representava. Um rapaz estava sentado em uma mesa farta, com muitas comidas. Do seu corpo saía uma serpente que parada em cima da mesa, observava José que se aproximava. A Divina Mãe do rapaz, se encontrava ao seu lado direito. José se aproximou mais e o rapaz imperiosamente o interrompe.

-Pare aí! não se aproxime tanto.- e indicou a serpente que estava na mesa.

-Serpente é serpente! –completou como que dizendo, “não posso me responsabilizar por suas atitudes”.

Apesar de ser o kundalini, há que se tomar cuidado. Pois é a mais potente força que o homem pode gerar dentro de si mesmo. Como dizia o mestre Samael. “O sexo não deve abusar do Kundalini e nem o Kundalini do sexo”. O rapaz tinha projetado a serpente na mesa através da concentração. E indicava a José o cuidado ao mexer com a serpente sagrada.

No chacra da laringe criadora, José recebeu uma indicação especial do próprio mestre Samael. Este último o levou a um templo nos mundos internos e com uma caminhada simbólica dentro das ante-salas, fez todo o percurso do Kundalini, de chacra em chacra, de vértebra em vértebra. Até a igreja de Sardes, que tem íntima relação com o mestre Samael. Viu os seus acertos e os seus erros, ao levantar a serpente sagrada, incluindo a perda de uma vértebra, já recuperada. Internamente sua coluna se enchia de luz, como um raio que cortava a escuridão da noite. Sabia também de outras pessoas que aqui fisicamente estavam despertando o Kundalini e outros que estavam mais avançados. O comum entre quase todos é que não se fazem conscientes do acontecimento aqui, quando estão iniciando o processo.

O mestre Rabolú cita em sua obra, que é possível chegar adormecido até a quarta Iniciação de Mistérios Maiores. Mas para se chegar a Quinta Grande Iniciação, se necessita de consciência. Então era comum ver iniciados, aqui fisicamente que não se davam conta da ascensão da primeira serpente. Isso varia muito da consciência de cada estudante, segundo o trabalho de morte de cada um.

Um pensamento rondava a cabeça de José. “Como eu estou com o Kundalini do corpo físico quase todo levantado, mas não despertei todos os chacras?” Na verdade isso varia de iniciado para iniciado, alguns logram despertar um e outro chacra com a primeira serpente. Os chacras são sentidos do mundo astral, são astrais e com a terceira serpente é que logram despertá-la. Na primeira serpente quem recebe os poderes é o Íntimo. Atman e Budhi se fusionam e nasce mais um Mestre nos mundos internos.

José ia visitar a sua mãe que morava em outra cidade, uma dessas noites teve uma experiência astral, que em continuação relato, mostrará a ligação com certa pessoa e o compromisso assumido diante da Divina Mãe de um estudante.

José acompanhado de sua esposa saiu do corpo, e viajaram em astral em direção ao sul do Brasil. Avistaram as praias, as ondas batendo nas pedras, outras praias calmas e limpas. Depois andaram os dois enquanto conversavam. Aolí não quis contar antes de dormir certas coisas que estava pressentido. Mas em astral contou tudo que queria e os dois foram resolver o assunto em uma cidade do estado do Rio Grande do Sul. Na parte física do mundo astral, eles viam as pessoas caminhando aqui no mundo físico como sonâmbulos, com a consciência completamente adormecida.

Resolvido o problema os dois voltaram conversando por ruas de barro ou voando suavemente sobre as árvores que se mostravam verdes e vivas. Ao retornar a cidade de partida da experiência. Resolveram visitar um templo da loja Branca que se situava próximo do lugar. O templo era protegido pela mesmice, era igual a todas as casas da região, a pessoa que não conhecia jamais diria que naquela casa havia um templo da Loja Branca. Após os batidos na porta compassadamente, que nada mais eram do que a senha para entrar no templo. Alguém lhe abriu. José se encaminha ao interior da habitação. Observa algumas pessoas cantando, mais na frente avista uma criança em condições quase que animalesca. José começa a suar incomodado por causa da criança. Mas ali perto da criança, está sua Divina Mãe, que agora pega a criança no colo. Como uma perfeita mãe, de infinita ternura, a grande misericordiosa se aproxima de José com a criança no colo e dá nos braços de José, mas este já quase que se desfalecendo de espanto, põem a criança no sofá que está próximo dele, enquanto observa a criança se coçando como um símio ou macaco.

José desperta com a sensação de que conheceria essa criança naquele dia. Depois da breve visita a sua mãe, ele e sua esposa retornam a sua cidade. E souberam que alguém conhecido estava aguardando. Era Paulo um parente por parte de sua esposa que José ainda não conhecia. Ao vê-lo José sentiu que esse era a criança do sonho. O rapaz havia se drogado desde criança, necessitava de ajuda e de apoio.

Meses mais tarde Paulo vai morar com José, a aproximação permite que José ensine o esoterismo cristão e as práticas para iniciar o caminho iniciático e Paulo põem em prática, da forma como alcança a sua compreensão.

José na condição de discípulo da Loja Branca, pode encaminhar sua primeira obra. Fora do corpo físico em corpo astral, viu que se aproximava um conhecido seu, era Paulo. Este parecendo ainda bastante “negativo” ou “carregado” como chamam vulgarmente as pessoas que tem uma aura pesada por motivos de muitos conflitos internos, chamou José e mostrou a ele um Jardim que simbolicamente representava as virtudes que Paulo acabava de conquistar. José ao ver que Paulo estava trabalhando sobre si pois já era possível ver os resultados, escreveu em um papel IGNICIAÇÃO. Aolí que estava perto diz:

-Mas está errado, igniciação?

-Ignis, igual a fogo, Iniciação de fogo! Responde José com autoridade.

Depois José encaminha o discípulo a um Templo de Iniciações, um Templo Sagrado nos mundos superiores, onde se recebiam os novos aspirantes a iniciação. Todos os aspirantes devem estar acompanhados por seus mestres, que são na verdade os responsáveis pelo novo aspirante que acaba de ingressar. Ninguém ingressa nos mistérios iniciáticos da Primeira Iniciação de Menores, sem um guia, sem alguém mais experiente para indicar, instruir e ajudar. Mesmo que aqui fisicamente às vezes a pessoa não traga recordações desses eventos que passa internamente. Esse mestre que encaminha os estudantes e aspirantes a iniciação, pode estar fisicamente presente ou apenas em corpo astral.

O novo discípulo é levado por José a um templo nos mundos superiores, José segura todos os dados do aspirante. Os dois se encaminham em direção ao templo. As saudações e todos os requisitos para ingressar no templo, são cumpridos. José diante da mestra que os recebe, entrega em sua destra, todo o necessário e põem a sua responsabilidade sobre o estudante.

Quatro dias após esse evento, Paulo, o seu novo discípulo, recebe a prova do Guardião do Umbral. O mesmo vem lhe contar fisicamente todo o acontecido.

-Eu estava em astral e invoquei o guardião do Umbral -diz Paulo.

-Daí veio um furacão, com raios, ventos e escuridão. Depois eu percebi um personagem de capa e chapéu, que me olhava agressivo, a uma distancia de 50 metros. Eu sem sentir medo, desprezei o monstro, virando o rosto. Com essa minha atitude ele caiu no solo. Novamente ele se levantou e eu desprezei novamente. E ele caiu de novo, e assim três vezes, até que não se levantou mais.

-Fui recebido com festa em um templo -prosseguiu Paulo- E você e sua esposa estavam lá. Foi muito bonito e a alegria imensa. Vi lá nesse Templo que é revestido de ouro por dentro, estatuas que simbolizavam o meu ser...

José gostou da experiência de Paulo que vinha confirmar a sua, realmente os dois estavam na iniciação, José na de maiores e Paulo na de menores.

Depois deu algumas instruções ao seu novo discípulo, que acabava de passar a prova do guardião do Umbral. A verdade é que praticamente nada tinha feito. Pois a primeira porta havia de fato aberto, mas o trabalho que se seguia dependia tão somente de Paulo.

O caminho iniciático é dividido, em menor e maior.

As iniciações menores, entram as pessoas maduras, que tem condições de seguir no caminho. É o primeiro passo que se dá o estudante rumo a integração com seu Deus Interior. Mas nada está garantido aí, apenas deu o primeiro passo e foi aceito como discípulo da Loja Branca.

As iniciações de mistérios maiores, já são para os discípulos que logrem despertar o fogo sagrado. É um caminho totalmente sexual, onde só se entra a pessoa casada, que pratica a magia sexual em seu lar devidamente constituído.

José continuava o seu trabalho na ascensão do kundalini, de vértebra em vértebra, chegou na altura do entrececho, José internamente viu o chacra do entrececho, o terceiro olho. O kundalini ainda tinha que chegar a irrigar o cérebro e tomar um caminho secreto que levava até o Átomo do Pai. Que também se situa, no terceiro olho, no entrececho.

Uma experiência marcou a chegada do Kundalini, até o cérebro. Viu-se internamente caminhando em uma rua (caminho iniciático) e encontrou um antigo amigo de vidas passadas, que ainda não havia visto nessa atual existência. Quando pronunciou seu nome. Viu que estourava um vulcão (símbolo do Kundalini, que chega no topo, na cabeça) e as lavas corriam da montanha e iam em direção a casa de seu Pai, (entrececho, onde se localiza o Átomo do Pai) e correu morro abaixo até chegar a sua casa, seu Pai permanecia dormindo em seu quarto (símbolo vivo, do Pai adormecido em nos mesmos).

-Acorda Pai, a lava está vindo (o Kundalini está chegando). -Seu Pai acordou e se levantou. Depois desse evento se viu internamente dotado de imensos poderes, podia controlar os vulcões, a terra, a água. Fazia brotar flores da sua mão. Podia controlar os mísseis, as armas atômicas e intuiu que todos os iniciados que tinham poderes nessa época iriam ajudar a destruir o mundo, pois mesmo a destruição tem que ser controlada. Para que nenhum justo seja castigado, apenas a Grande Prostituta, que leva em sua frente a marca da besta.

Esta experiência marcava um ponto importante na sua vida. Quando conheceu o dito amigo, com o mesmo nome da experiência. Seu Kundalini chegou no cérebro como um autêntico vulcão. E seu corpo se encheu de vida e de energia. Um dia sentado, cruzou as pernas e descansou a mão sobre suas pernas. E sentiu um calor que há muito tempo já não sentia em suas mãos. Seu corpo revigorado, não padecia mais de falta de energia. Pelo contrário, podia transferir sua energia para qualquer pessoa, perto ou longe. Mas ainda estava exposto a ataques de entidades. Sua Divina Mãe preocupada com isso, recorreu a uma Mestra no astral, que se especializava, nesse tipo de proteção. A boa velhinha, se dirigiu a José e costurou sua veste (corpo vital) em seu corpo. E José não sentiu mais os ataques. Nessa época José resolveu tirar mais uma vez as fotos Kirliam dos seus dedos. E comprovou o que estava sentindo, seu etérico, estava com uma luz muito forte, muito diferente das fotos anteriores que já tinha tirado, onde só se via trevas e alguns minúsculos raios de luz.

Ainda que pareça estranho todos os eventos e fatos que ocorreram com José, foram os mais naturais possíveis, a natureza não dá saltos e nesse caso, todos os acontecimentos tiveram que esperar o momento certo para nascer desenvolver, amadurecer e aí sim se concretizar. Nada de saltos, tudo em sua devida ordem.

## Esboço Iniciático

José também soube que ele não era obra do mestre Rabolú. Pois não estava iniciando a iniciação apenas recapitulando o trabalho desenvolvido em vidas passadas.

Para ser obra de algum mestre, este deve conduzir o estudante pelo caminho iniciático. Daí para diante o mestre é o responsável direto pelo avanço do discípulo. O mestre que conduzia José pelo Sendero iniciático se apresentava apenas no mundo astral.

Assim levantou a serpente sobre a vara, assim preparou o corpo físico para o seu Real Ser. Mesmo adormecido pode trabalhar com a magia sexual, para isso temos a Divina Mãe, o nosso Pai, para nos auxiliar e nos conduzir pelo caminho do Senhor.



## O REINADO

### Capítulo 10

Todo homem é convidado a ser Rei do Universo, basta que siga a vontade do Pai. Nesse caminho totalmente fora das condições morais das pessoas e da sociedade, recebemos os estigmas de Cristo. Muito dos processos iniciáticos do Drama Crístico, passamos aqui no mundo físico. Nunca nos faltará um discípulo que nos traia, outros que nos culpem por estarmos no caminho ou nos injuriem.

O Pai não segue a nenhum código moral, nem de seu próprio Bodhisatwa. Temos que ser livres de preconceitos e somente fazer a vontade de nosso Pai que está em secreto. Somente assim caminhamos, somente assim damos passos seguros no caminho. O que era bom, pode ser ruim mais adiante e o que é ruim hoje pode ser bom amanhã, para caminhar corretamente necessitamos de auxílio e da vontade superior da nossa Mônada, do nosso Pai.

Feliz por ter levantado uma serpente, José aguardava o Reinado.

Como já tinha recebido em experiências anteriores que receberia primeiro o alimento e depois o Reinado. O alimento já havia recebido e já tinha levantado uma serpente, agora faltava o Reinado, que é na verdade a encarnação do nosso Rei Interior, nosso Íntimo.

Numa das tantas noites, a mais profunda, a mais alegre recebe a maior e melhor notícia que um mortal pode receber. Seu Íntimo queria estar entre nós. Numa conversa no mundo astral com seu Real Ser soube da sua vinda. A sua Divina Mãe também estava feliz pelo acontecimento.

-Eu tenho vantagens contigo –diz o seu Deus Interno enquanto caminha com José pelo mundo astral.

-Você é esoterista e assim eu posso nascer no mundo físico, basta que você se prepare para minha chegada. Eu já estou morto, agora é contigo –conclui o Mestre M... Real Ser de José, feliz de poder estar entre a humanidade futuramente.

-Sim meu Pai, você tem grandes vantagens nesse sentido, cumpro a suas ordens.

A primeira serpente é um dos requisitos fundamental para encarnar o Íntimo. O outro é a morte do eu, do ego. A Divina União Sexual, entre seu Pai e sua Mãe Divinais, havia se efetuado, quando a serpente da Mãe, se unia com o Átomo do Pai, na cabeça. Agora tinha que aguardar o dia do nascimento do Senhor.

Com a serpente levantada e preste a dar conclusão a sua iniciação. José recebe de seu Íntimo, instrução especial para limpeza psicológica do templo interior, o seu corpo físico. Necessitava reduzir a cinzas certos agregados psíquicos que poderiam obstaculizar o desenvolvimento do Real Ser ao encarná-lo. Cuidava do que se passava em sua mente, em seus sentimentos e em suas atitudes.

Viu internamente dois egos, um só tinha a cabeça, (a mente) o outro andava mas era pequeno (ação). Viu como esses agregados dissimulavam grandeza para impor frustração ao trabalho interior de José. Soube que a solução para aquele problema, estava relacionada a fios de cabos elétricos, a potencia sexual.

Rasgou dentro de si mesmo um dos sete véus de ilusão e a luxúria se viu mortalmente abatida. A limpeza para a chegada do Grande Senhor se via cada vez mais intensa, tudo tinha que estar em ordem e limpo. O Íntimo exige o mínimo de limpeza interna, para que ele mesmo tenha espaço dentro da sua alma para se desenvolver.

Depois de sua chegada, aí sim ele se encarrega do resto do trabalho interior, assume controle gradativamente de todas as funções psicológicas e amplia em força profundidade e qualidade esse trabalho.

Viu que o ego lutava para não morrer. Nessa época José aplica mais intensivamente a morte do ego. Aplicava a morte em marcha já citada neste livro, que nada mais é que um pedido de morte desses defeitos psicológicos a nossa Divina Mãe.

Numa noite no mundo astral, escrevia enquanto andava, uma carta ao templo de Aldem que fica nos mundos superiores, para saber quais os defeitos que ele deveria dar mais atenção, aqui em seu trabalho psicológico. Quando acabou de escrever a carta, interrompe em seu caminho um mensageiro elemental do templo de Aldem, já com a resposta. Nesse Templo trabalham muitos elementais da natureza.

De baixa estatura, o ser que caminhava como os homens, mas lembrava um cachorro, pára na frente dele, abre o papel que leva enrolado e lê:

-Você está muito bravo e muito tarado. –responde o elemental a José.

E assim se pôs a detalhar esses defeitos e logrou descobrir manias, em seu dia-a-dia, e costumes que alimentavam quase que dissimuladamente os defeitos da luxúria e da ira.

7 de abril, o dia nasce como todos os demais, nada parece dar brilho diferente ao ar. Toma a sua rotina como outra qualquer, vai a seu serviço, cumpre as suas funções. Por fim as 14 horas toca a sirene que anuncia o fim do expediente. Tudo aparentemente normal, nada aludia a importância do momento. O dia anuncia o seu fim com o sol no horizonte, dando seus últimos beijos na Terra. Já é hora de dormir, amanhã cumprindo com as mesmas funções corriqueiras tinha que se levantar as 4 horas da manhã.

O relógio dá meia noite e tudo parece estar normal. Agora 8 de abril, observamos o corpo de José deitado sem nenhuma pose para fotos em sua cama. O corpo se meche de um lado para outro, pronunciando algumas palavras incoerentes, como que querendo anunciar algo. Olhando bem esse corpo que agora se mantém imóvel ao encontrar posição certa na cama. Visualizando-o com os olhos da alma, pode-se ver o fio fino e flexível que se prende ao umbigo, chamado “cordão de prata”. O cordão se estica e se perde na noite escura, indicando onde está José nessas horas fora do corpo.

Tudo está quieto, noite adentro as horas passam enquanto a natureza aguarda um parto diferente. Nos mundos superiores se vê José andando dentro de sua própria casa. Este deita em sua cama, ainda fora do corpo físico e começa a adormecer. De repente sente que um Ser pousa sobre si, teve medo, não sabe do que se trata.

Esse Ser não era homem, não era mulher, não era humano, era Um Ser. Sua energia vibrava o corpo de José dos pés a cabeça, e dava uma certa eletricidade por onde tocava. Começou a conjurar a conjuração dos sete, parou, começou de novo, parou, não sentia necessidade de continuar conjurando. Perguntou para sua Divina Mãe:

-Mãe conjuro, ou fico quieto?

-Fica quieto- entendeu.

A energia, começa a subir e a se concentrar na cabeça. Toda a cabeça vibra agora com intensidade. José permanece imóvel, aguardando. Sente que alguma coisa se desloca nesse Ser, é o Próprio Ser. Em forma de chispa. Sente que ele se concentra em toda a sua cabeça.

Agora a cabeça vibra intensamente com a poderosa energia do Logos. A chispa se posiciona exatamente na parte superior da cabeça e entra pela glândula pineal, no meio do cérebro e se dirige para frente, até tocar no entrecenho, o Átomo do Pai. Todo seu entrecenho vibra agora com intensidade, permanece assim um tempo e depois cessa.

José, ainda no mundo astral, se levanta da cama aonde iria descansar e olha na janela para ver se alguém estava tentando entrar em sua casa (verificando se alguma entidade se apossaria de seu corpo) e fecha a janela (fecha o corpo). Ninguém lá fora. Sai no pátio da casa e vê, algo jamais visto no

## Esboço Iniciático

mundo físico. Estrelas, estrelas, estrelas, bilhões e bilhões de estrelas brilham, sem deixar um espaço para as trevas da noite. O céu sorri com regozijo, Ele veio...

Ao acordar no mundo físico, trata de fechar o seu corpo (fechar a janela), com o fechamento ensinado na Gnose.

Seu Íntimo, seu Real Ser, Atman, o Espírito Divino havia nascido como uma criança, simples, pura e com pouca força, para ao longo dos anos, dominar todo o corpo, dos centros aos sentidos e se tornar um Autêntico Super Homem com todo o poder e sabedoria.

O dia seguinte foi de intensa reflexão. Algo tão gigantesco e ao mesmo tempo tão simples e natural havia acontecido, o mestre veio, o mestre nasceu...

Fim

## CONCLUSÃO

Terminando esse livro, cabe a mim dar uma pequena conclusão do trabalho aqui realizado. Espero que tenham gostado do delicioso aroma que nos trás a verdade através dessas linhas. Satisfaço-me interiormente de poder relatar uma história verdadeira. Terrível angústia da pessoa que lê uma obra induzida pelo autor como verdadeira, e depois o choque recebido pelo próprio tempo, quando este tira a máscara e desferi rosto vermelho de vergonha patrocinado pela mentira.

José apenas nasceu, aliás aquilo que está além de José nasceu, daí em diante se tudo caminhar conforme a vontade do Pai, crescerá o Mestre nele, que agora é apenas um belo e terno infante.

O trabalho esotérico iniciático é individual, interno e buscamos por nossos interesses, mas sempre temos que ter em conta a vontade do Pai, do nosso Real Ser. Mesmo que seja orientação de algum mestre, nós temos que ter em conta primeiro a vontade do nosso mestre interior, que é o nosso Real Ser, nosso Íntimo. Ele sabe o que é mais importante no momento para nós. Pois nem todos estão no mesmo nível e nem todos estão preparados para caminhar nessa senda do fio da navalha. Não podemos cobrar das pessoas que não podem caminhar na iniciação. Sempre as cobranças virão daquilo que está ao nosso alcance. E o mais importante é ter força, pois com força se consegue e se abre muitos caminhos, que aparentemente não conseguiríamos caminhar.

Tudo que fazemos para nosso desenvolvimento interior será aproveitado, seja nessa vida, seja nas vidas futuras. Pois quem trabalha para o tempo, o tempo mesmo se encarrega de reduzir a cinzas todo o nosso esforço. E o que trabalha para a eternidade, de vida em vida acrescenta os seus valores, para um dia entrar na Iniciação Esotérica, único caminho que nos leva até o Pai.

É preciso ser constante, jamais desistir. Temos que desenvolver um centro de gravidade permanente nesse trabalho esotérico. De nada adianta lutar por um tempo e desistir em outro. Essa é uma qualidade urgente a se desenvolver para passar na prova do Guardião do Umbral. É necessário ter o Centro de Gravidade Permanente, mesmo que em um dia estamos um pouco mais afastados, em outro dia um pouco mais próximos, mas jamais abandonar o fio, a linha de entendimento, estar sempre voltados para o nosso trabalho interior, para o desenvolvimento interior.

Já a limpeza interna é uma obrigação de todos. Não se pode haver desculpas para guardar os “eus”, egos dentro de nós mesmos, que é o responsável mediador pela degeneração humana. Essa é uma luta que levamos para a Eternidade.

O Autor

## PERIGOSOS SINTOMAS

Após essa pequena conclusão, não pude deixar de me alarmar com a situação da caótica sociedade. É um dever dos seus filhos dar o alerta, pois a situação só nos arreia e nos causa angústia e alarmes.

A humanidade como um todo caminha com passos rápidos rumo a degeneração total. Pois a ciência, a tecnologia aumentam, mas junto com a pobreza, com a diferença entre pobres e ricos. E o pior de tudo é que passam os dias e cada vez mais criamos mais conflitos internos e nos enchemos de maldades e a sociedade sofre as conseqüências.

O conjunto de toda a podridão interior, nos dá isso que temos hoje na Terra. Não necessitamos de sábios, nem de filósofos, nem de pessoas estudadas para vermos a realidade da raça humana hoje. Qualquer criança sabe do nível em que nos encontramos.

O grande erro sai do nosso interior. O que vemos fora, o fracassado sistema social e a péssima distribuição de renda já é o resultado. Somente eliminando a causa é que imobilizamos o efeito.

Os homens não sabem viver em sociedade, enquanto tivermos pessoas que queiram “vencer na vida” teremos gente perdendo na mesma. Isso é o óbvio, é o lógico de qualquer raciocínio. A mente dessa carcomida civilização de víboras está tão pobre, que se perguntarem para qualquer pessoa, o que elas gostariam de realizar na vida a maioria diria o seguinte: “Quero vencer na vida, ter dinheiro e status social”. Quando alguém tem muito dinheiro é sinal que outras tem pouco. Quando alguém tem status social é porque tem gente vivendo na miséria sendo desprezado pela sociedade. E o pior de tudo é que ricos e pobres anseiam a mesma posição. A atenção que o povo dá aos “famosos”, é o oposto do esquecimento da classe miserável, que merecia mais atenção, com certeza.

Enquanto a mulher vaidosa gasta fortunas em um perfume, em jóias, para decorar a sua vaidade, crianças choram para as suas mães sem ter o que comer e sem ter quem os ajude. Milhões de pessoas passam fome no mundo, e as grandes potências gastam bilhões de dólares em armamentos para as guerras. E a troca de que? Poder, ganância, inveja...

O cúmulo do cúmulo é ver que mesmo no meio religioso, os fiéis já não pedem mais pela espiritualidade, pelos dons divinos... hoje a maioria das pessoas que procuram os templos divinos, buscam auxílio monetário, dinheiro, emprego... Pensam que encher o bolso de papel, estão se realizando espiritualmente.

Quanto vale o dinheiro para você que lê esta linha?

Pelo certo deveria valer apenas para cobrir as necessidades da sobrevivência e o bem estar... certo? Mas muita gente dá valor excessivo para a “grana” e parece uma sina que quanto mais se tem, mais querem ter.

Querem ver como o dinheiro poderá perder todo o hipnotismo de um dia para o outro?

Bastaria faltar comida ou água em escala mundial e não venderiam um prato de comida nem por um bilhão de dólares. Quem tem comida sacia a sua fome, e quem tem dinheiro come as notas.

A Atlântida existiu e dela temos registros nos Arquivos Akáshicos da natureza. Tiveram uma tecnologia superior a nossa, gigantescas cidades, megalópoles e uma sociedade dita como nós, por “evoluída” e “desenvolvida”. Altamente tecnológica sem dúvida, mas como na nossa raça, foram cruéis e desumanos. Também dominaram a energia atômica e lançaram foguetes no espaço, e eu lhes pergunto, cadê a Atlântida? Que se fizeram dos automóveis luxuosos? Dos poderosos e dos dominantes? De quê valeu tanta ostentação e imperialismo? Tudo virou cinzas! Nada sobrou da Atlântida para os sequazes do materialismo, hoje temos apenas registros na natureza, nada mais...

## Esboço Inicial

Assim como aconteceu na Atlântida, pode acontecer com a nossa raça Ária. Chegamos em um ponto delicado, em que o homem tem que se decidir para quê veio. Estamos exatamente no dilema do “Ser ou Não Ser” da filosofia. E essa raça já é uma presa e já tem o seu predador. Os senhores da finalização estão despertando de suas letargias.

Faço um chamado a humanidade, para que se decidam, para o quê vieram. Pois os passos da mesma são apressados, mas o caminho que ela terá pela frente é curto.

Michael Aun Weor

Contatos [nielsendq@ig.com.br](mailto:nielsendq@ig.com.br)  
[nielsendq@yahoo.com.br](mailto:nielsendq@yahoo.com.br)  
[http://geocities.yahoo.com.br/nielsen\\_quintino/](http://geocities.yahoo.com.br/nielsen_quintino/)

## CARTA DIRIGIDA AO FÓRUM GNOSISONLINE

*Todo esse tempo estive entre vocês e como a todos do fórum desfrutei do conhecimento e da amizade do pessoal. Decidi me afastar ativamente e provavelmente essa será a minha última mensagem. Todos aqueles que quiserem se comunicar comigo por e-mail não titubeiem, escrevam-me mesmo.*

*Um dos grandes objetivos de minha vida é colocar as pessoas preparadas dentro do caminho iniciático e essa será minha luta fisicamente e internamente.*

*De maneira nenhuma poderia colocar alguém no caminho iniciático se eu mesmo não fizesse parte do mesmo.*

*Todo o caminho que percorri nesta vida tenho registrado no livro "Esboço Iniciático" Aquele que quiser uma cópia para si, peça por e-mail para nielsendq@ig.com.br*

*Tiro a máscara de Apolo diante de vocês e não tenho pena de dizer que todos os erros e abusos que vier a cometer, serei punido severamente.*

*Faz alguns anos que sei quem sou, e também o meu nome real e verdadeiro, mas não tinha intenção de usá-lo aqui fisicamente, pois de três opções duas se sobressaem continuamente: As pessoas que odeiam aqueles que se dizem mestres e a outra tendência são os que procuram somente por causa do nome, que é conhecido. Mas me vejo obrigado, e faço isso como que um dever, uma ordem, das hierarquias divinas e das minhas partes internas.*

*Para gosto de uns e desgostos de outros, meu nome é Michael Aun Weor e hoje dou partida a minha missão pública.*

*Eu estava tranqüilo, estava em paz, sabia que se eu usasse esse nome me traria muitas contrariedades de todos os tipos, difamações e exclamações como: Mitômano, falso, profanador... e assim por diante.*

*Realmente tinha receios de usar o meu verdadeiro nome interno, mesmo depois de ter recebido ordem para usá-lo. Fazia-me de desentendido para não usar, para justamente poupar problemas com isso. Até que numa noite fiquei sem jeito diante de minha Divina Mãe, pois acreditava que Nielsen estava bem ou estava mais acostumado com o Nielsen e quão envergonhado fiquei ante minha Divina Mãe, quando ela mal sabia o meu nome físico.*

*Sempre estive com a humanidade fisicamente, representado por um corpo novo como este que eu uso, ou por um outro em estado cataléptico no Tibet, que vive por milhares de anos. Sei disto porque estive lá, isso é óbvio. Por isso possuo dois cordões de prata em meu corpo astral.*

*Mesmo não estando caído, para poder encarnar meu Real Ser, fui submetido a provas e a um processo iniciático de recapitulação, o mesmo que terão que fazer vocês aqui e agora.*

*Retiro-me do fórum, porque aqui temos instrutores suficientes, então me vou para onde se precisa.*

*Eu não caio no conto de que já não podemos fazer nada pela humanidade, enquanto tiver uma alma nesse mundo em condições de caminhar espiritualmente, ali me verão lutando e trabalhando... enquanto há esperança, não podemos desistir de lutar...*

*Um Abraço a todos*

*Michael Aun Weor*